

SAUDADE DO QUE HÁ-DE VIR



João José Cochofel

1919-2019

CASA DA ESCRITA

EXPOSIÇÃO
CENTENÁRIO DO NASCIMENTO

CURADORIA

ANTÓNIO VILHENA

CÂMARA MUNICIPAL DE COIMBRA

2019

Este cartão só é válido quando tiver
a assinatura do titular

João José Cochofel



E23/3067

Sociedade
Portuguesa
de Escritores



BILHETE DE IDENTIDADE

Do Sócio N.º 90

Escritor *João José*
Cochofel

O Presidente da Direcção,

Agostinho Leite

“ (...) serei capaz de operar alguns cortes no fio indivisível que me prende aqui, a esta casa em que vivi parte de uma infância triste, ensombrada de doenças, as deslumbradas descobertas da adolescência, as certezas e os entusiasmos da juventude; a esta sala por onde passaram quase todos os amigos (poucos mais haveria de ter) e onde tanto sonhámos juntos, onde o Lopes-Graça me revelaria as primeiras noções teóricas da música, onde nos reuníamos em discretos encontros ou em largas assembleias tempestuosas, para discutir os problemas de que dependia a sorte do Mundo (e então, com o nazismo à porta e as incertezas da última guerra, dependia a valer), ou para sessões de trabalho submersas em fumo de cortar à faca, onde se entreteceram verdes amores, efémeres uns, duradoiros outros, onde nasceram a *Altitude*, o *Novo Cancioneiro* e o *Vértice*; a esta mesma pesada mesa de castanho, que serviu de banca de estudo e de aprendizado literário,

centro de tradutores (Steinbeck, Aragon, Sherwood, Anderson, Laclos... e comigo à roda da mesa o Rui Feijó, o Carlos de Oliveira, o Veludo, o Henrique Santo), secretária de redacção e administração (todas as publicações começaram por ter sede na Rua do Loureiro, número nove), balcão de empacotamento (quando os primeiros *Vértices* eram levados para o correio dentro da capa do Arquimedes, segura por três pontos), e a que me sento agora a tentar reunir os fragmentos da história encantada do passado.”

Da crónica "O Puzzle" 1971.

Ateneu de Coimbra

NOVO
CANÇIONEIRO
Rua do Loureiro, 9
COIMBRA



1161

“Uma vida pequena para que é que serviu?”

MANUEL MACHADO

Presidente
Câmara Municipal de Coimbra

A Casa da Escrita, tradicionalmente conhecida como Casa do Arco, situa-se no coração da Alta de Coimbra, na rua Doutor João Jacinto, adquirida em 1883 aos Viscondes do Espinhal, cujo brasão ainda permanece na fachada principal, justamente pelo lente da Faculdade de Medicina, que veio a emprestar o seu nome à rua. João José Cochofel, bisneto daquele professor, foi o último morador da Casa que viria a ser adquirida e requalificada pela Câmara Municipal.

A casa de um escritor, mais do que um espaço material, é um lugar simbólico de reencontro emocional com a sua escrita. O seu nome fica profundamente ligado à renovação da cultura portuguesa no que ela significa de empenhamento social e político, de militância cívica e afirmação ideológica, de busca de uma identidade coletiva. Por isso recebia em sua casa inúmeros intelectuais e artistas, numa consolidação de um círculo de cumplicidades e de colaborações, como Joaquim Namorado, Fernando Namora, Paulo Quintela, Afonso Duarte, Miguel Torga, Carlos de Oliveira, Álvaro Feijó, Vitorino Nemésio, Fernando Lopes Graça, Michael

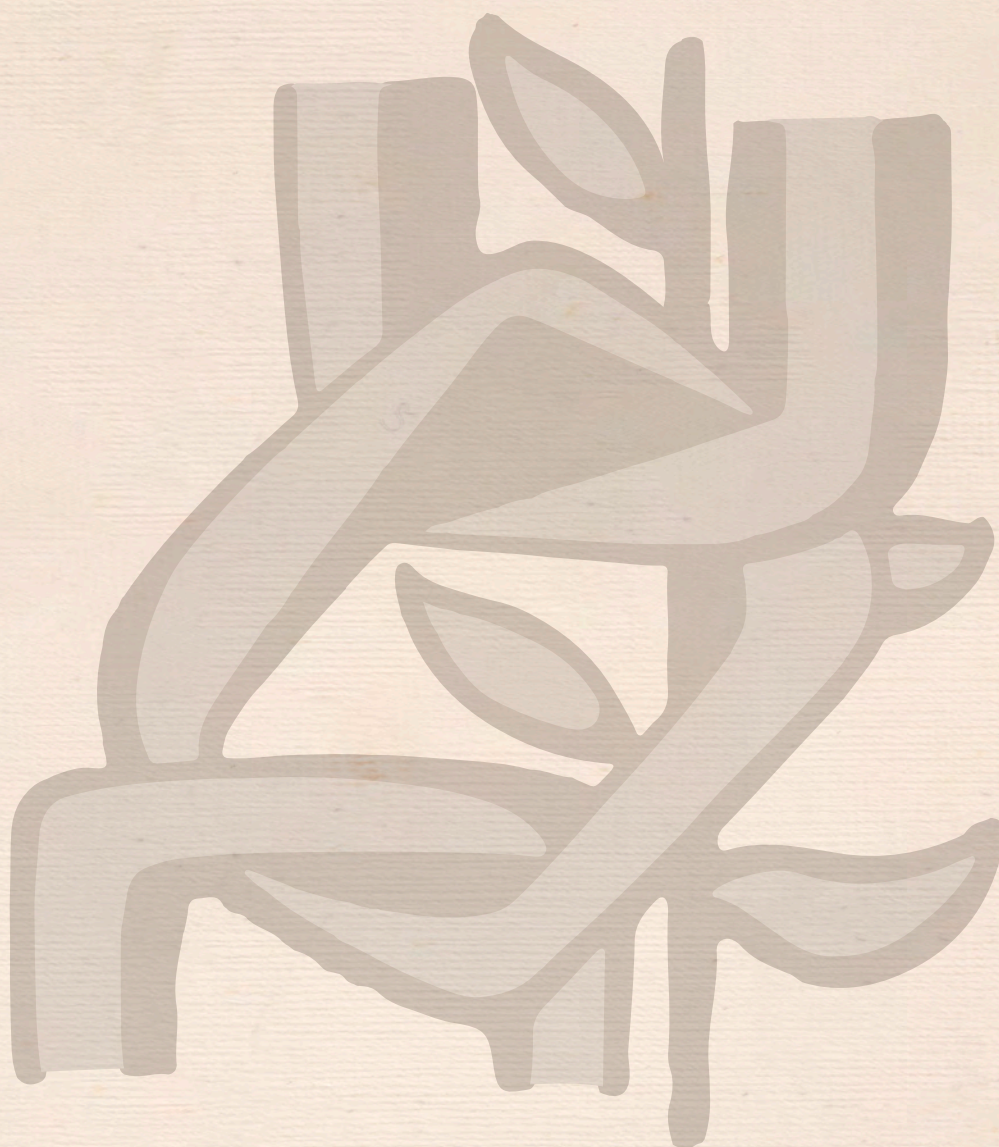
Giacometti, José Gomes Ferreira, Mário Dionísio, Arquimedes da Silva Santos, Eduardo Lourenço, Mário Soares e Maria Barroso, apenas para citar alguns. Integrou e fomentou a primeira geração de escritores do neo-realismo coimbrão que temporalmente se pode situar entre Guernica e Hiroshima. Foi o rasgar de janelas para que os ventos de liberdade que sopravam pelo mundo pudessem entrar no país tão amordaçado e consumido pela ditadura. Naquele palacete se cumpriam as inúmeras e longas conversas, às tardes ou aos serões. Como referiu Fernando Namora, “Nessas tertúlias se atearam muitas labaredas da Minha geração.”

A melhor maneira que encontrámos de homenagear João José Cochofel foi preservar o seu espólio, a arquitetura das suas memórias e recriar esse ambiente de criação literária, produção cultural, livre pensamento e debate de ideias na sua antiga residência, perpetuando o acolhimento de escritores e artistas portugueses ou estrangeiros e promovendo espaço para a escrita germinar, tomar forma e ganhar vida.

“A casa de um escritor, mais do que um espaço material, é um lugar simbólico de reencontro emocional com a sua escrita. O seu nome fica profundamente ligado à renovação da cultura portuguesa no que ela significa de empenhamento social e político...”

“Acordei hoje tão desamparado
como se existisse só no Mundo
e a roda do Tempo tivesse parado.”

in *Quatro Andamentos*
do Poema XII (1964)



Casa da Escrita: lugar de memórias e de transformação cultural

CARINA GOMES

Vereadora da Cultura
Câmara Municipal de Coimbra

No ano em que se comemora o centenário do nascimento de João José Cochofel, a Câmara Municipal de Coimbra presta-lhe a devida homenagem com uma programação especial naquela que foi a sua residência familiar: a Casa da Escrita.

Como centro privilegiado de cultura e civilização, Coimbra tem a responsabilidade inalienável de preservar a sua identidade histórica e honrar as suas memórias. É por isso que a Casa da Escrita, palco de tertúlias que, em meados do século XX, reunia intelectuais, pensadores e artistas é, agora, um equipamento municipal dedicado, essencialmente, à promoção da escrita e à divulgação do livro e da leitura, em estreita ligação com outras áreas da cultura em saudáveis e, por vezes, provocatórios cruzamentos disciplinares.

Procurada por estudantes que ali encontram um refúgio calmo, entre livros, máquinas de escrever e memórias, acolhe regularmente escritores que deixam sempre a

sua marca e o seu contributo para o enriquecimento cultural da cidade.

Num momento em que Coimbra prepara a sua candidatura a Capital Europeia da Cultura em 2027, empreender novas e arrojadas aventuras criativas é tão importante quanto honrar o legado de todos os que, de alguma forma, contribuíram para moldar e transformar o curso histórico da cidade. Assim, nesta exposição, a Casa da Escrita volta a receber Cochofel, numa celebração à vida e obra deste ilustre poeta, ensaísta, crítico literário e musical, figura incontornável do movimento neorrealista português que, com tantos outros, com a sua irreverência, transformou a sociedade amordaçada de então.

Cem anos depois do seu nascimento, e já em plena liberdade constitucional, a Câmara Municipal de Coimbra não poderia deixar de assumir a responsabilidade de celebrar Cochofel – um dos que ajudou a fazer culturalmente a Coimbra dos dias de hoje.

“Num momento em que Coimbra prepara a sua candidatura a Capital Europeia da Cultura em 2027, empreender novas e arrojadas aventuras criativas é tão importante quanto honrar o legado de todos os que, de alguma forma, contribuíram para moldar e transformar o curso histórico da cidade.”



João José Cochofel com 2 anos, Outubro de 1921

“Saudade do que há-de vir”

Centenário do poeta João José Cochofel (1919 -2019)

ANTÓNIO VILHENA

Curador

Ao lembrarmos João José Cochofel, na casa onde nasceu a 17 de Julho de 1919, quando passam cem anos, quise-mos desocultar o poeta, o ensaísta e crítico literário e musical. Organizámos um ciclo de conferências onde foi possível reler a obra poética e ensaística com a ajuda dos Professores José Manuel Mendes, António Pedro Pita, José Carlos Seabra Pereira e António Sousa.

Procurámos resgatar os fragmentos da vida do poeta para refazermos e ajudar a compreender o seu universo pessoal. Desde a frequência do Colégio Progresso em 1938, aos exames no Liceu D. João III, Universidade de Coimbra e a sua passagem pelo Ateneu de Coimbra. As comemorações do seu centenário são uma oportunidade para conhecermos melhor quem foi o homem bom que, ao longo da vida, soube ultrapassar grandes dificuldades. E, também, como as suas relações pessoais condicionaram decisivamente as suas opções estéticas e políticas.

Nascido numa família aristocrata, desde cedo se cruzou com a literatura e a música. O seu destino de menino estava traçado, uma constelação de fontes saciavam o seu imaginário inquieto, que Joaquim Namorado lhe reconheceu e cultivou. Dele disse no último adeus: “Um dos renovadores da poesia portuguesa contemporânea e um dos criadores do neorrealismo que transmitiu ao neorrealismo os valores da poesia tradicional e do modernismo” (Diário de Coimbra, 16 de Março de 1982). Cúmplice da utopia de um coletivo de homens empenhados que viviam, também, na cidade de Coimbra com ligações estreitas a outros escritores que prosseguiam uma transformação da sociedade. Era na sua casa, na rua com o nome do seu bisavô, João Jacinto, que encontravam espaço para o simpósio.

Este ano, 2019, comemoram-se, também, os centenários do seu amigo Fernando Namora, de Sophia de Mello Breyner Andresen e de Jorge de Sena. Uma geração dourada do século XX.

Com sólida formação social e política cultivava o convívio com Joaquim Namorado, Fernando Namora, Afonso Duarte, Carlos de Oliveira, Álvaro Feijó, Vitorino Nemésio, Fernando Lopes-Graça, José Gomes Ferreira, Mário Dionísio, Eduardo Lourenço, Mário Soares e Maria Barroso, entre outros.

João José Cochofel foi um dos principais responsáveis e fundadores das revistas “Vértice”, “Presença”, “Altitude”, “Seara Nova” e “Gazeta Musical e de Todas as Artes”. Integrou a geração de escritores do neorrealismo como poeta e crítico. Foi muito mais do que isso, foi um fraterno anfitrião do aconchego, acolheu na sua casa amigos e próximos, não lhes regateando o essencial, principalmente, a solidariedade da família. A Academia sabia onde o encontrar para ouvir os seus conselhos ou para solicitar a sua solidariedade. A sua ligação muito forte a Joaquim Namorado, referência política e ideológica de uma geração comprometida, condicionou a sua *poesis*, através de uma certa cortina dual que se antecipa em *Emigrante Clandestino* (1965).

A geração que modelou a vida e a obra do poeta, de que se comemora o centenário do seu nascimento, deu expressão a uma literatura de sopro marxista, opondo-se a uma claustrofobia social. João José Cochofel foi um dos mais puristas da língua, exercitando a lapidação da palavra poética, “depurando o discurso” e oferecendo ao leitor uma luz onde a transparência da modernidade deixava adivinhar uma intimidade quase clandestina.

“... foi um fraterno anfitrião do aconchego, acolheu na sua casa amigos e próximos, não lhes regateando o essencial, principalmente, a solidariedade da família.”

Na biblioteca de Cochofel era fácil encontrar quase tudo, talvez, por isso, a sua imensa cultura e conhecimento sobre o que se escrevia e pensava na Europa, permitia-lhe que “estivesse na posse dos segredos do respetivo fabrico”, praticando um humanismo num vocabulário que o levaria à “descoberta que a arte implica”. O poeta perseguia a estética em busca da “Água Elementar”, a trilogia: melodia, ritmo e acompanhamento. Resgato um fragmento do poema excluído “Cidade provinciana”: Há belezas inexprimíveis / nesta cidade provinciana. // É nesta cidade que hoje me enternece / e outras vezes me enche de tédio, / de revolta. // Que poesia / entretanto existe / nas coisas nulas!

Entre as diversas evocações do centenário do nascimento de João José Cochofel, a reedição da sua obra poética, em breve, com um estudo crítico do Professor José Carlos Seabra Pereira, será o grande acontecimento literário, permitindo que novos leitores tenham acesso à sua poesia há muito ausente dos escaparates.

O nome da exposição “Saudade do que há-de vir” é um verso repescado do poema XXIX do livro *Os Dias Íntimos* (1944 – 1958). Afigura-se como um verso premonitório, uma espécie de esperança que se há-de cumprir num tempo futuro. Como diz o poema: “Uma rosa no tempo / começa a tingir / de tanto a desejar.” Foram necessários muitos anos depois da sua morte para que o silêncio se transformasse ele próprio numa “rosa vermelha / no tempo cinzento / que é cansaço de esperar.”

Sabemos que lembrar o poeta, cem anos depois do seu nascimento, é um tempo demasiado longo quando se fala de “Saudade do que há-de vir, / fogo-fátuo ainda / que por dentro estremece.”

Espreitámos o passado dos dias inquietos, desde o nascimento, fomos levados por documentos históricos que nos revelaram encontros e desencontros, sabemos que o poeta superou o homem, por isso, queremos celebrar o poeta para que o essencial se transforme na “rosa vermelha, / tão só ela apenas, / alumia e aquece.”

João José Cochofel nasceu em Coimbra, na casa que

faz esquina com Rua João Jacinto e a Rua do Loureiro; a casa que é agora a Casa da Escrita. Com uma família profundamente culta e cosmopolita, a sua educação foi orientada desde muito cedo para as Artes. Possuidor de uma biblioteca onde não faltavam as novidades editoriais, João José Cochofel foi um jovem precoce em quase tudo. Emancipou-se aos treze anos. Esse acontecimento não foi apenas uma exigência formal, mas uma consequência que atravessará a sua obra como uma sombra.

Comprometido com a geração de escritores que integraram vários movimentos literários, dos quais se destaca o neorrealismo, João José Cochofel foi uma personalidade impar, possuidor de uma sensibilidade humana, determinante na resistência ao antigo regime. Na sua casa acolhia os que se abeiravam, protegeu muitos que, mais tarde, se afastaram sem memória. A dimensão solidária da família Cochofel merece uma referência especial.

Esta Exposição procura resgatar o percurso dos primeiros anos do poeta, dando a conhecer o jovem precoce mas decidido a encontrar o *Sol de Agosto*, metáfora da “Saudade do que há-de vir”.

As fotografias são uma escolha da família, elas contam uma narrativa do clã Cochofel mas, também, das relações que o poeta estabeleceu com muitos dos seus companheiros de viagem, nomeadamente, Arquimedes da Silva Santos, Carlos de Oliveira, José Gomes Ferreira, Augusto Abelaira, Joaquim Namorado e Fernando Lopes Graça.

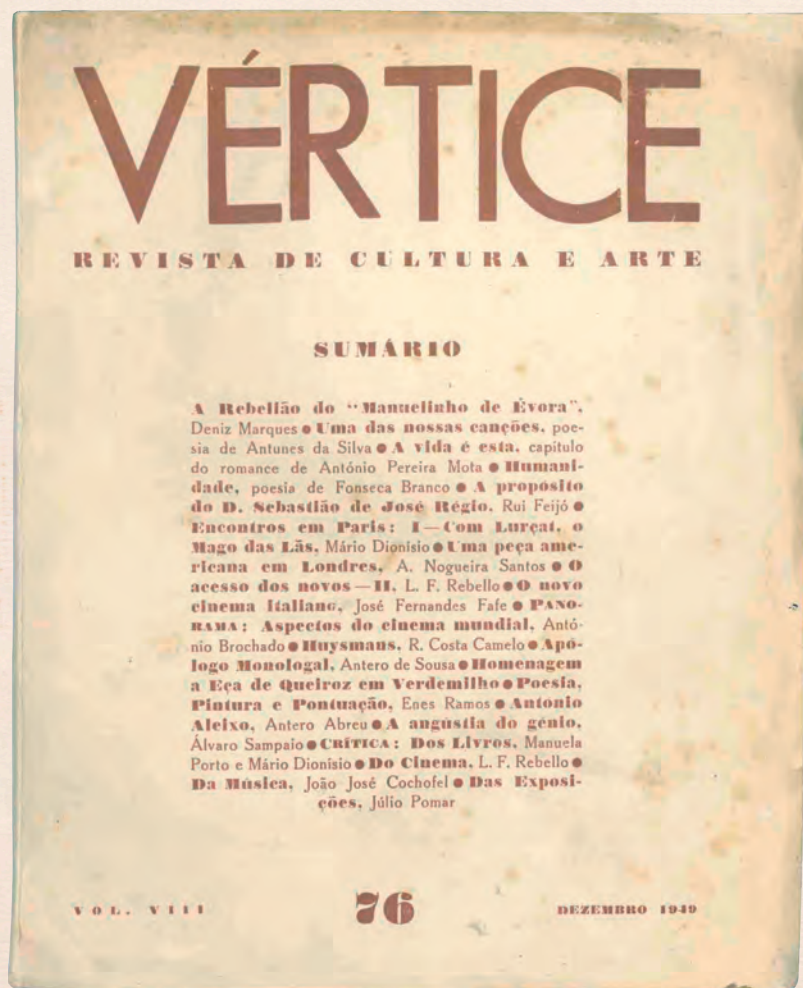
“Saudade do que há-de vir” revela documentos, mostra um poeta de corpo inteiro, integrado e comprometido com a utopia de uma sociedade mais justa. É uma Exposição viva que ocupa a Casa onde João José Cochofel nasceu e cresceu, tendo a sua mãe, Maria Albina de Manique e Melo Cochofel, como a referência que ousou para além do seu tempo.

Este centenário exige que a sua obra literária seja mais estudada, e que se aprofunde, também, as indiossincrasias do poeta João José Cochofel para que se faça luz e se cumpra a **Saudade do que há-de vir**.

“... poeta de corpo inteiro, integrado e comprometido com a utopia de uma sociedade mais justa. (...) João José Cochofel nasceu e cresceu, tendo a sua mãe, Maria Albina de Manique e Melo Cochofel, como a referência que ousou para além do seu tempo.”



João José Cochofel com a mãe.



“Mas no dia em que a veia lírica se enxertar numa base adequada e ganhar uma robusta arquitectura, estarão abertos novos e fecundos caminhos à autenticidade da música nacional.”

Breve Memória

ANTÓNIO PEDRO PITA

Professor Catedrático
Universidade de Coimbra

De onde vem o João José Cochofel cujo centenário justamente comemoramos? Vem de um silêncio pesado por equívoco, desgostante porque superficial, insuportável porque injusto. De certo modo, regressa da margem onde sempre viveu a zona mais intensa do seu trabalho de escritor, a produção poética. Melómano culto mas nunca dilatante, profundo conhecedor de todas as direções da literatura e da cultura literária portuguesa e universal, terá sido, porventura, na obra poética – não foi o primeiro a fazê-lo – que João José Cochofel foi mais longe na textualização da sua relação com o mundo. Feita de silêncios e contensões e austeridades líricas que resistem ao derrame sentimental, a sua poesia ofereceu à poesia portuguesa um filão não muito explorado ou, pelo menos, pouco reivindicado.

E depois, quando finalmente partirmos todos a releitura dos seus textos, quantas surpresas nos esperam: João

José Cochofel é um cronista exímio, um crítico informado, gentil (mas não demagogo) e afirmativo (mas não agressivo), um ensaísta de larga inspiração teórica. Sem alardes e antes de todo o atual novo-riquismo a propósito, Cochofel soube colocar as possibilidades e as fragilidades da cultura em contexto europeu e, inversamente, bateu-se no plano literário, por uma internacionalização do universo português, de que são exemplo as traduções de «Servidão e grandeza dos franceses: cenas dos anos terríveis» de Louis Aragon e de contos de John Steinbeck. O seu centenário só poder ser a redescoberta ativa desta herança invulgar. Ativa, quer dizer: capaz de gerar reinvenções, mais do que continuadores ou epígonos; inspiradora de que o seu gesto mais decidido (o de dedicar-se à compreensão integral do seu tempo) seja replicado por alguns que nele encontram uma deontologia intelectual e um sentido de existência.

“Melómano culto mas nunca dilatante, profundo conhecedor de todas as direções da literatura e da cultura literária portuguesa e universal, terá sido, porventura, na obra poética – não foi o primeiro a fazê-lo – que João José Cochofel foi mais longe na textualização da sua relação com o mundo.”

“Breve
tanto sonho findo
que a vida pisou.”

do poema Breve, “Poesias Excluídas”, III
Búzio, 1940



Memória impressiva

JOSÉ MANUEL MENDES

Presidente
Associação Portuguesa de Escritores

João José Cochofel, nos meus anos recuados e no meio a que pertenci, uma personalidade cultural de forte impacto. Os seus livros de poesia tornavam-se-nos familiares, a *Iniciação Estética*, pelo pensamento exposto e por boa parte dos anexos, instigava leituras fundamentais, os textos ensaísticos e críticos abriram percursos cognitivos e debates. Mas havia também a aura: uma Casa e, para ela convergindo ou dela disseminando-se, as acções que mudaram os destinos da arte e os veios profundos da oposição ao regime de Salazar; a figura e os rasgos do anfitrião - partilha dos adquiridos de um estatuto burguês com quantos, no resistir e desafiar, assumiram um movimento literário adstrito aos apelos da História e ao brado do mundo, sob flagelo das guerras, anelante de justiça e humanismo.

De João José Cochofel nos falavam Joaquim Namorado, Orlando de Carvalho ou Paulo Quintela. Como do Grupo neo-realista que, em Coimbra, numa confluência nacional, forjou iniciativas de vulto: *Novo Cancioneiro*, *Novos Prosadores*, a revista *Vértice*, para não alongar referências. E já então, por esta ou aquela via, o estudo e a prática da música que continuamos a identificar como clássica. Ou erudita. Ele, Cochofel, tinha, desde bem jovem, um amigo, adiante inseparável de cumplicidades e projectos da maior importância – Fernando Lopes-Graça. Vi-os, ouvi-os, certa vez. Acerca de Ravel, Shostakovitch, Bartók (*Quarteto Húngaro*), Debussy. Com outros à mesa.

E aqui chego a um brevíssimo registo pessoal que só o crepúsculo da idade não tingem com escaras de abuso ou despropósito. Guardo do poeta de *Quatro Andamentos*

uma memória impressiva: sagesa e afectividade, o traço da melancolia na expressão em algumas suspensões do olhar por detrás das lentes, o timbre da voz, fina, pluritonal, os juízos claros, mesmo quando nas nótuas reticentes a obras e atitudes dos que lhe estavam perto, o apego ao património edificado e imaterial do país, a apetência inclusiva e dialógica num contexto de suprematismo ético-político da democracia menos acomodada. (Não consegui dizer João José nos poucos encontros - não tivemos tempo para eu o conseguir, doença e morte chegaram cedo aos seus dias de bonança criativa -, à semelhança do Alexandre Vargas, que há meses partiu. O Alexandre, irmão do Raúl José, filhos do José Gomes Ferreira, contava-me como se incluía o pingue-pongue nos convívios do Senhor da Serra, pausa nos enredos das vidas de cada qual, da política, das “artes e tretas” – assim, sorrindo, travesso as designava. Cochofel. Ou, em alternativa, João José Cochofel. Nenhuma outra maneira de tratamento.)

O regresso à bibliografia que, entretanto, se promoverá e impõe, acentua, acima de testemunhos e evocações bem-vindos, a emergência marcante e peculiar do Autor ao longo de um meio século cujos contrastes averbam os ciclos do fascismo e da liberdade, as vicissitudes dos processos colectivos e as circunstâncias do subjectivismo nunca em si encasulado. Se, na *Obra Poética*, do primeiro ao último dos títulos que publicou, o culto das formas e da matriz intimista não prolonga a herança da Presença (não obstante sempre valorizada), também a opção por um realismo dialéctico traz o selo das realizações

“Ele, Cochofel, tinha, desde bem jovem, um amigo, adiante inseparável de cumplicidades e projectos da maior importância – Fernando Lopes-Graça.”

inconfundíveis – tanto na modulação lírica como no amplexo da interferência:

“Não sei como te chamas
locatária de um cacifo com sete filhos,
nem tu,
que perdeste os melhores anos
numa cela de Peniche ou de Caxias.

Doem e habitam
submersos a quantas braças tem o olvido
a água inquieta
dos meus versos.”
(Uma rosa no tempo, 1968.)

Outrotanto nos escritos de tonalidade teórica e/ou ideológica (em polémica com António José Saraiva, por boa causa, ou Câmara Reys, ou contraponto a Manuel Dias da Fonseca), judicativa, ponderando, à luz do escrutínio coetâneo e do nosso, sobre poemários de Afonso Duarte, uma referência geracional, José Gomes Ferreira, Carlos de Oliveira, Mário Dionísio, António de Sousa, Edmundo de Bettencourt, Eugénio de Andrade (estes, e não apenas) ou dos que se iam revelando e o futuro, pretérito amiúde devorado pelo obívio, distinguiria – de António Ramos Rosa a Pedro Tamen, Herberto Helder a Fernando Guimarães, escolhidos por mim, não ao acaso, num vasto acervo. E sobre ficção, ensaio, concertos, exposições, eventos arrancados à usurpação censória (*Crónicas e Críticas, Opiniões com datas*). Romances, novelas, contos, Fernando Namora e Alves Redol, Carlos de Oliveira e José Cardoso Pires ou Maria Judite de Carvalho, Vergílio Ferreira e Mário

Dionísio, Aquilino, Miguéis, Manuel Mendes e Celeste Andrade, essa narradora admirável (*Grades Vivas*), de pronto assinalada. *A Paleta e O Mundo*, empreendimento sem paralelo de Mário Dionísio, as peças de Vianna da Motta, Lopes-Graça, António Frutuoso (falecido na juventude como Álvaro Feijó e Políbio Gomes dos Santos), Pedro de Freitas Branco e contemporâneos, os concertos com repertório de Bartók a Schönberg, as interpretações de Menuhin ou Maria da Graça Amado da Cunha, as jornadas na Academia dos Amadores de Música, no Círculo de Cultura Musical ou pelas salas da Sociedade de Belas Artes, as noites do São Carlos. *As Iniciativas Editoriais*, com destaque para o audacioso e inconcluído *Grande Dicionário de Literatura Portuguesa*, a colaboração na imprensa, da *Vértice à Gazeta Musical e de Todas as Artes*. O teatro, o cinema, vistos com a sensibilidade e a competência hermenêutica que lhe asseguraram um prestígio inusitado junto dos companheiros e leitores.

O Centenário do nascimento de João José Cochofel permite restituir, iluminar, enriquecer talvez pela recepção de hoje-amanhã, um legado precioso. Pela seiva intrínseca – o fluir estético que, permanecendo, superará descasos e injustiças de passagem, em boa medida apagadas porque feridos de inconsistência e intuito denegatório. Para que o tecido histórico a elaborar em torno dos movimentos literários de novecentos não esbanje lugares impreteríveis de informação e esclarecimento. Devaneio no meridiano amnésico que parece tolher o devir? “Arma-te / ao menos de ilusão”, quis Cochofel. E não será facto que de outras armas disporemos?

Lx.14.setembro.2019

“O Centenário do nascimento de João José Cochofel permite restituir, iluminar, enriquecer talvez pela recepção de hoje-amanhã, um legado precioso.”

Cochofel e os poderes da «Furtiva Melodia»

JOSÉ CARLOS SEABRA PEREIRA

Professor Catedrático
Universidade de Coimbra

Embora se deva preservar de reducionismos biografistas a interpretação do discurso lírico de um escritor para quem, segundo sua *Iniciação Estética* (versão sintética de juvenil tese universitária de Histórico-Filosóficas), **a arte é «a expressão formal de experiências vitais»**, não perde pertinência a percepção crítica de que por detrás da poesia de Cochofel há um encontro com a vida que se sabe munido de dotes herdados e cultivados e se deixa tocar por uma expectativa exigente e lhe sofre as consequências («Outros serão / os poetas da força e da ousadia. / Para mim / - ficará a delicadeza dos instantes que fogem», assume o «Pórtico» dos *Instantes* em 1937).

Essa expectativa oscila depois quanto aos seus fins, indefine-se em educada insatisfação e assim se perturba em ânsia latente de «outra coisa», ao mesmo tempo que se entrevê e se entrediz na elegância discreta de uma estética da sugestão. É esse «rumor de espera» que cativa nesta poesia que, não sendo especulativa, cumpre um movimento cognitivo, no qual se joga, em lances de intuição sensível e de resistência crítica, um realismo implícito de subjectividade e historicidade... e uma melancólica distância em relação àquela arte – a Música – em que, Cochofel *dixit*, «a transposição do real atinge mais amplitude».

Daí decorre um contraponto lírico de equação com as realidades do mundo empírico e de decepção com essa face do real, de imperativos sociopolíticos e de *ethos* pessoal na consciência ferida pelo tempo, que não omite nem anula sacrificialmente as aspirações afectivas e sensíveis. Foi, aliás, o próprio líder do Neo-Realismo

em Coimbra, Joaquim Namorado, que lapidarmente reconheceu: «o poema *Sol de Agosto* trouxe ao ‘Novo Cancioneiro’ [...] uma dimensão essencial: a do direito aos puros sentimentos de dádiva e da entrega sem reservas, a do direito à alegria e amor feliz».

O rito existencial dos *Instantes* quer-se ainda o de «repouso», a desprender-se daquele «Paraíso Perdido» das afinidades tristes com a névoa fria das tardes «ermas», a sacudir a resignação fatalista que se assumia como «Certeza»; todavia, sob «esta melancolia mansa» lateja a inquietude de que «Nas coisas adormecidas / há como que promessas / de grandes vidas». A colectânea *Búzio* (1940) enceta apenas, sob a poética do efémero («Breve»), a redireccionação da latente inquietude e da pressentida intuição do seu correlato objectivo, na dinâmica do mundo e da História. A hora que se segue não se julga tempo de entrega aos encantos de «Caixinha de música», nem de dispersão com os sons vários que rumorejam no «Búzio» intimista; coloca-se sob o signo forte de *Sol de Agosto* (1941) e com ele, congruentemente integrado no grupal Novo Cancioneiro, acicata o impulso sensorial e a vontade de poder interventivo: «Rebenta em mim um mar de força... // Agora é sol e sangue / o búzio que trago nos sentidos.» No entanto, logo depois de *Descoberta* (1945), a voluntariosa equação de generosidade ideológica cede a primazia, uma e outra vez ao fluir erosivo do tempo existencial; e confirmam-se as consequências dos *Dias Íntimos* (1950). Em verdade, «A música, a poesia / são a casa em que vivo»; o tempo, que flui inexoravelmente,

“... por detrás da poesia de Cochofel há um encontro com a vida que se sabe munido de dotes herdados e cultivados e se deixa tocar por uma expectativa exigente...”

tanto para o lar musical e poético dos «dias íntimos» quanto para o «fogo / do comum destino», abala mais o sujeito lírico nos *Quatro Andamentos* (1966) e o dilema pessoal de (des)encontro com a História, que permite a este colaborador de F. Lopes-Graça nas *Canções Heróicas* confortar-se no paralelo ideológico-cultural com o cineasta (aristocrata e comunista) L. Visconti («Visconti amigo, / tanto eu como tu nascemos tarde. / Ambos amamos os palácios, ambos amamos as ruínas / que o tempo poupou, e as outras / mais ruínas ainda / por não quisermos poupá-las.»).

Tempo de exílio existencial é tempo de emigração interior – essa que aos olhos do bispo de pedra da mansão familiar assume o *Emigrante Clandestino* (1966), dela fazendo a sua singular forma de compromisso contra «o meu país de indiferença». Cultivando o diferimento como penhor de esperança, o *Emigrante Clandestino* faz

do *carpe diem* minimalista seu programa de vida; mas só assim é justamente na medida em que não pode rasurar «o rebate, precipitado do coração», que no final se afirma em linguagem existencialista e concretude imagística: «Quando a angústia me passa a corda ao pescoço / e das noites em branco / surgem todos os sonhos enforcados, / ...».

Com *Uma Rosa no Tempo* (1970) a História continua a invadir o lirismo corrente de João José Cochofel; porém, a arte sedimentada desse lirismo garante-lhe que a indeterminação e a autonomia da sua semântica nada têm a temer nem da fidelidade à «chama» de emancipação socialista, nem da confrontação com a «vil degradação do que foi chama». Assim a derradeira *Água Elementar* se impõe como «canção / de fogo sob as cinzas» ou «furtiva melodia / que ninguém mais ouve» quando «a vida chama mais do que nunca».

“Foi, aliás, o próprio líder do Neo-Realismo em Coimbra, Joaquim Namorado, que lapidarmente reconheceu: «o poema Sol de Agosto trouxe ao ‘Novo Cancioneiro’ [...] uma dimensão essencial: a do direito aos puros sentimentos de dádiva e da entrega sem reservas, a do direito à alegria e amor feliz».”

João José Cochofel e Lopes-Graça nas Encruzilhadas Ideológicas da Modernidade

ANTÓNIO LUÍS CORVELO DE SOUSA

Músico

Quis o acaso que o encontro de João José Cochofel (1919 -1986) com Fernando Lopes-Graça (1906–1994) acontecesse em 1932, na recém-criada Academia de Música de Coimbra e que, por vontade da Mãe do aluno João José (Albina Cochofel) e por necessidades de saúde deste, o serviço letivo de Lopes-Graça na Academia se tenha transformado em ensino doméstico de fim-de-semana, nas casas da família Cochofel - o Palacete da Rua do Loureiro, em Coimbra, e sobretudo, a Casa do Pinhal, no Senhor da Serra, em Semide.

A relação pedagógica, entre o professor de 26 anos e o aluno de 13, irá transformar-se numa amizade e cumplicidade para toda a vida. No final deste primeiro ano letivo, em 1933, as relações de amizade e confiança estavam estabelecidas como se depreende deste *post-scriptum* de uma carta de férias (1933) de Lopes-Graça: *Quando quiser, suprima o respeitoso “senhor”, sem respeito nenhum pelo dito senhor, que é muito pouco...senhor (isto não é charada).*

De início, a música foi o centro e o grande elo de ligação entre os dois, não sendo sequer interrompido nas férias grandes, tomando como exemplo as de 1933, em que perante uma pergunta de Cochofel sobre o 7º grau das escalas menores, o compositor responde: *Estimei muito ter tido notícias suas; e intimamente agradeço-o ao maroto do 7º grau da escala menor, que tão providencialmente se lhe escapuliu da memória, obrigando-o assim a recorrer, num inesperado ataque de “musiquite”, à minha “graça e sabedoria”, segundo o seu dizer. A minha sabedoria, que nesta matéria é a dos comuns mortais, diz-me que recorra ao livrinho de Solfejo do Padre Tomaz Borba para tirar as dúvidas acerca do transcendentalíssimo problema da alteração do sétimo grau das escalas menores.*

Na primeira metade dos anos 30, vai-se observando, pela correspondência, uma evolução nas temáticas musicais abordadas, entre Lopes-Graça e Cochofel, podendo-se encontrar debates e diálogos sobre as obras de *Paul Hindemith* ou de *Igor Stravinsky*, compositores muito pouco conhecidos e ouvidos no Portugal de então, ou mesmo debates sobre análise e estética musical, como quando Lopes-Graça pergunta: *O que me diz sobre a Sinfonietta de Halffter – [a mim] parece-me radical de mais,*

em contra partida, parece-me que os elogios que [você] faz do Retábulo de Falla, são um pouco exagerados.

Ao logo da terceira década do século XX, na cultura portuguesa distingue-se o Movimento da Presença, em Coimbra, filiado em premissas de modernidade estética, subjetivista e elitista e, sobretudo, alheado da modernidade social. Lopes-Graça ali encontra tertúlias em torno da modernidade estética, enquanto interesse comum, tendo publicado na Revista de *A Presença*, seis textos sobre música, entre crónicas, críticas e ensaios.

Cochofel e a Casa do Pinhal, foram testemunhas desta aproximação e convívio com os poetas presencistas.

Em 1935, Lopes-Graça é de novo detido, julgado e condenado, com prisão em Caxias, sendo obrigado a abandonar as aulas da Academia de Coimbra, o que faz com que a correspondência com Cochofel se tornasse ainda mais regular.

Embora na prisão, Lopes-Graça continua a preocupar-se com o discípulo e respetivo percurso de aprendizagem e faz-lhe notar: *Já sei que está matriculado em Harmonia e Ciências Musicais. Acho muito bem. São coisas muito bonitas e de grande utilidade, mesmo para os simples diletantes da música. Mas o que é conveniente é acompanhar esse estudo teórico com um bocado de prática instrumental.*

Em João José Cochofel, o sentido crítico e o gosto pela modernidade são características que desenvolve à sombra da amizade com Lopes-Graça, a par do início das transmissões regulares da Emissora Nacional, de que se torna ouvinte assíduo, abrindo horizontes com o que ali escuta de música erudita, não só em Portugal como no estrangeiro. Por carta (1936), informa o compositor de que: *Temos hoje aqui um novo aparelho de T.S.F. à experiência. É muito bom; a boa música é que cada vez se faz mais rogada. (...) Sobretudo nada de obras novas. O Limite é Debussy e Ravel ou Stravinsky; daí para cá – zona proibida.* Para além da arte musical, João José Cochofel no seu processo de crescimento e amadurecimento político e cultural, em 1937, envia a Lopes-Graça os seus primeiros poemas inéditos: *Saudade; Certeza; Manhã; Bairro Novo e Quatro Poemas de desilusão e Revolta*, pedindo-lhe conselhos sobre as suas andanças literárias.

Na volta do correio o compositor diz-lhe: *Gostei muito*

deles, d'alguns sobretudo (...) não como coisas definitivas, é claro, e absolutamente libertas de influências, mas como promessas prometedoras, por assim dizer (...). O que é preciso é não ter pressa, e a maior parte de todos esses poetas que para aí enxameiam, e deixar amadurecer o que em si há que amadurecer.

Em 1937, Cochofel e um grupo de jovens amigos iniciam uma tentativa de projeto redatorial de imprensa, do qual informa Lopes-Graça: *A minha ideia quando pensei na revista, foi a de que ela fosse uma revista da geração que agora se começa a manifestar e em que essa geração se apresentasse com as suas qualidades e defeitos, mas afirmando-se por si. (...) E assim os "Cadernos da Juventude" vão ser um facto.* Toda a edição do nº1 dos *Cadernos* acabou apreendida pela PIDE e queimada nos pátios do Governo Civil de Coimbra (salvaram-se 2 exemplares...).

O segundo projeto editorial do jovem Cochofel, também sonhado em grupo e em forma de Revista, data de 1939 e chama-se "*Altitude – boletim de literatura e arte*". Nela Cochofel publica o seu primeiro texto de crítica musical. Anos mais tarde (1964) Cochofel, num comentário sobre a Revista *Altitude*, dirá que se tratava: *da revistinha que lançava em Coimbra, ainda com alguma timidez e insegurança, os germes da campanha neorrealista* (in *Opiniões com data*).

A forte vertente pedagógica e formativa da amizade Lopes-Graça/Cochofel, nos finais dos anos 30, transforma-se em comunhão de ideias e militância cultural, que dos passados debates e tertúlias com os presencistas na Casa do Pinhal, se passa ao trabalho de militância com jovens amigos de Cochofel na implementação, consolidação e desenvolvimento da *Geração Neo-realista*.

Em Novembro de 45, em Coimbra, Cochofel participa no ressurgimento da - *Revista Vértice* - e, pela correspondência com Lopes-Graça, ficamos a saber que a intenção era fazer uma Revista, sim, mas de *Geração*, no conceito marxista do termo, isto é, "*queríamos apenas mostrar que não se trata agora de distinguir entre velhos e novos mas sim entre os que "são" e os que "não são"* - e mais desabafava Cochofel: "*para quantos desde a idade da mama até à senil, nela estejam em condições de colaborar*".

Tratava-se de um conceito de *geração*, não em termos etários, mas sim em termos de *ideias-novas*. Os "que são" e os "que não são" do *Vértice*, não os dois lados do conceito marxista lançado por António Ramos de Almeida, em 1936, como - *A questão dos "novos" e "velhos"* - *não é uma questão de idade, é uma questão de cultura, de inteligência e sensibilidade* (Depoimento... Novos e Velhos, Revista Manifesto nº 2).

Pela mão de Lopes-Graça (início dos anos 40), Cochofel passa também a colaborador regular da Revista *Seara-Nova*.

Para lá da militância neo-realista do poeta, Cochofel foi crítico musical e musicógrafo. João José Cochofel-

crítico colabora no *Vértice*, na *Revista Portugal*, de Vitorino Nemésio, na *Gazeta Musical* (mais tarde *Musical e de todas as Artes*), revista de que foi fundador, além de colaborações de menor regularidade no *Diário de Lisboa*; no *Diabo* e no *Sol Nascente*. Como musicógrafo colaborou no *Dicionário de Música Ilustrado* (Borba/L.Graça) e no *Dicionário The New Grove*.

Depois do fim da II Guerra Mundial, com a vitória dos Aliados, a geração neo-realista acredita que tudo, ou quase tudo, iria mudar em Portugal: *Ainda emocionado pela vitória inglesa, não resisto em vir dar-te um grande abraço que, por ser no papel, nem por isso é menos caloroso e entusiasta. Grande dia este!* Escrevia Cochofel em 26/VII/45.

Face à perspectiva de eleições livres, funda-se o Movimento de Unidade Democrática, M.U.D., onde Lopes-Graça para além de exercer cargos políticos, elabora um projeto de participação com poetas neo-realistas para a publicação, utilização e divulgação do Livro "*Marchas, Danças e Canções*", enquanto projeto estético de um possível projeto de "neo-realista na música". O processo não foi fácil e João José Cochofel esteve em evidência na retaguarda de Lopes-Graça que, em Outubro de 45, lhe dizia: *Sobre as Canções: Falei com o Saraiva, que ficou de saber, junto do Medina, das possibilidades de se arranjar aí um copista. (...) Estamos a perder um tempo precioso. (...) As duas canções que foram publicadas na Seara já por aqui se cantam. Vão-se distribuir em folhas volantes, que devem ficar prontas amanhã; enviar-te-ei algumas.*

Este projeto, ainda dinamizado de Coimbra, lançou a semente daquilo que vieram a ser não só as "canções heróicas", como as "24 Séries das Harmonizações de Canções Regionais", repertório escrito para o futuro Coro da Academia de Amadores de Música, *organismo artístico popular e à comunhão com o povo destinado*, que o divulgou nos meios associativos e democráticos até ao 25 de Abril. Devido à doença da mãe Albina, a família Cochofel abandona Coimbra e instala-se em Lisboa. Com isso perdeu Coimbra e ficou a ganhar a Academia de Amadores de Música que obteve um Presidente de Direção e um fundador, dinamizador e colaborador da *Gazeta Musical*, Revista sediada naquela Associação.

Foi no âmbito da "*Gazeta Musical*", jornal fundado por Lopes-Graça, João Cochofel e Maria Vitória Quintas, que se publicou uma polémica com o compositor, maestro e crítico musical Joly Braga Santos, reconhecido membro daqueles a quem Cochofel chamava o "*clã de Luís de Freitas Branco*".

Como fundo desta polémica, encontramos músicos identificados com a "Cultura da Nação Dominante" e alguns músicos com projetos de "Cultura da Nação Alternativa".

Estamos em Agosto de 51. A 28 de Julho realizou-se o concerto de encerramento do 1º Ciclo das Comemorações do Cinquentenário da Fundação da Sociedade Nacional

de Belas Artes, onde foram interpretadas *Três Canções de Alberto Serpa*, da autoria de *Francine Benoit*, cantadas por *Arminda Correia*, com *Lopes-Graça* ao piano.

Joly Braga Santos, compositor e maestro, que exercia também o papel de crítico musical no Século, foi incumbido da crítica ao dito concerto tendo escrito: “*Das três canções de Alberto Serpa musicadas pela D^a Francine Benoit que figuravam nesta 1^a parte, duas foram dadas em primeira audição. Estas peças distinguem-se pela aridez de conteúdo e demonstram bem claramente a completa falta de talento musical da sua autora.*”

Lopes-Graça e a cantora *Arminda Correia* para desagrar a referida compositora, invocando o direito de resposta, tentam publicar uma carta no Século e, não o conseguindo, publicam-na na “*Gazeta Musical*” onde afirmam manifestar a V.Exa: (...) *a sua estranheza e o seu pesar, pela maneira incivil e nitidamente pessoalista como o crítico de O Século que se assina JBS, se refere àquela senhora na sua crónica de 29 do Mês passado. Fazem-no movidos pelo sentimento de respeito que entendem ser devido a uma pessoa que não tem praticado para com a Música Portuguesa quaisquer malfeitorias (...).*

Joly Braga Santos invocando o mesmo direito de resposta na *Gazeta* responde: (...) *Quanto ao facto de a Senhora Francine Benoit não ter praticado para com a música nacional qualquer malfeitoria, não me parece que semelhante razão possa influir na qualidade da sua música. Devo contudo acrescentar que não considero “benfeitoria” a classificação de académicas com que esta Senhora classificou duas obras do Mestre [Luís de Freitas Branco] nas suas crónicas do Diário de Lisboa.*

No mesmo número foi ainda publicado como nota do Diretor *Luís de Freitas Branco*, que diz: *Tendo-se as circunstâncias disposto de modo que eu pudesse parecer solidário com uma acusação de incivilidade feita a um caríssimo discípulo: Joly Braga Santos, por outro discípulo igualmente querido: Fernando Lopes-Graça, considero um dever meu vir afirmar:*

E o Mestre acaba a elogiar *Joly Braga Santos* e a dizer de *Francine Benoit* que, dos seus muitos discípulos foi: *a única com quem cortei relações.*

Esta polémica é representativa do meio musical português da época. De um lado aqueles que estavam ligados à super-estrutura-cultural do Estado – integrantes do projeto cultural dominante e, do outro, aqueles que, como opositores ao regime, integravam o projeto de uma Cultura Alternativa.

Na mesma altura, a emancipação progressiva dos intelectuais da órbita do PCP provocava problemas no C.C. do PCP que implementou um processo rigoroso de seleção e saneamento individual (conhecido como a “*Purga dos Intelectuais do PCP*”). *Lyon de Castro* e *Piteira Santos*, militantes já expulsos no início de 50, criaram um “*projeto de frente anti-regime*”, de que fazia parte a

dinamização, com uma colaboração alargada, da revista *Ler*, da Editora Europa-América de que *Lyon de Castro* era então proprietário.

João José Cochofel, *Fernando Lopes-Graça* e *Mário Dionísio*, do grupo daqueles que aderiram ao Partido em 1948, no processo MUD, foram uns dos convidados a colaborar em tal Revista, não se tendo feito rogados.

O PCP intensificou então uma campanha contra o *Ler*, invocando que a revista tinha uma *colaboração demasiado abrangente*.

Deste processo e em resumo, *Mário Dionísio* pediu a sua passagem a simpatizante, acabando por ser expulso do Partido; *Lopes-Graça* recebeu uma carta, como artista e compositor, assinada por *Júlio Fogaça* do C.C, onde apenas lhe era solicitado (e de forma delicada) que não devia escrever na *Ler*; *João José Cochofel* acabou por receber duas cartas-aviso onde na segunda acabou por também ser expulso.

Lopes-Graça - o único não expulso, afastou-se voluntariamente do partido em solidariedade com *Cochofel* e *Dionísio*.

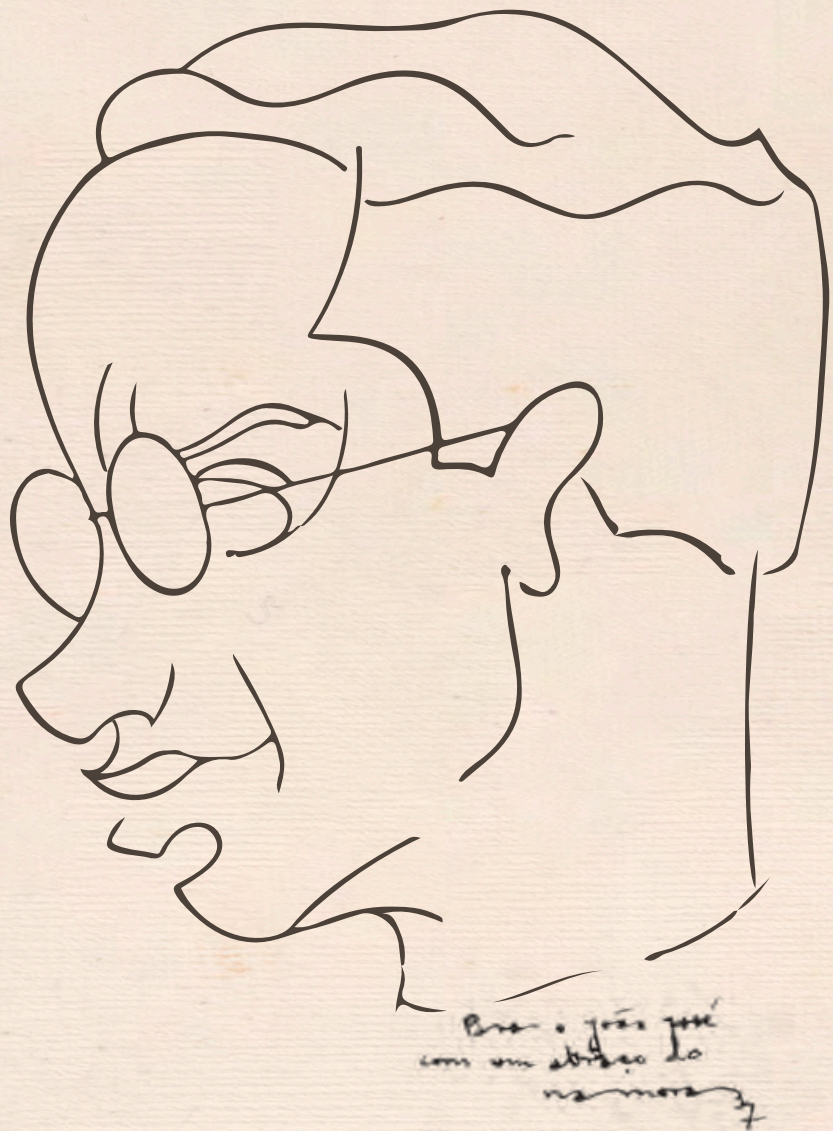
Por último, já fora da órbita do PCP, *João José Cochofel* que continuou empenhado no *Vértice*, publica ali um Ensaio: *5 notas soltas acerca da Arte, dos Artistas e do Público*, artigo paradigmático sobre e conteúdo, forma e divulgação da obra de arte, questões queridas à estética neo-realista.

O *Vértice* publica uma resposta de *António José Saraiva*, então um ortodoxo comunista do Porto, ao artigo de *Cochofel* iniciando uma polémica sobre *forma e conteúdo na arte* e sobre o *papel social da Arte e da Literatura*, polémica já não com “os que não são” mas antes entre “os que são” da cultura da nação alternativa e onde, de um lado estiveram *João José Cochofel*, *Mário Dionísio* e *Fernando Lopes-Graça* e, do outro, *António José Saraiva*, *Manuel Campos de Lima* e *Óscar Lopes*, todos eles assíduos colaboradores da Revista *Vértice*.

António José Saraiva publicará ainda um outro artigo de resposta, meio satírico, intitulado – *A Ponte Abstrata*, sobre o qual, a Direção da Revista não autorizou qualquer direito de resposta, dando assim a polémica como encerrada.

Tal polémica provocou enorme tempestade nos meios intelectuais e sobretudo nos meios internos da revista, alargando-se a muitos outros colaboradores da Revista *Vértice*, a escritores e até um político que então estava na prisão e que teve direito a publicar um mais um texto - “*cinco notas sobre Forma e Conteúdo*” assinando como *António Vale*, sem que a Direção da Revista soubesse quem era (passando assim por cima dos próprios estatutos redatoriais).

Só depois do 25 de Abril e em Moscovo, é que *Mário Dionísio* e *Lopes-Graça*, ouviram da boca de uma guia-intérprete a identificação de *António do Vale* e de *Álvaro Cunhal*, como a mesma pessoa.



► Caricatura de João José Cochofel por Fernando Namora.

João José Cochofel, um amigo

LUÍS CARDOSO DE OLIVEIRA

Médico

Falar de João José Cochofel, eu que não sou poeta, escritor, melómano, crítico musical, eu, médico destas terras de Coimbra, como me atreverei a trespassar algumas linhas?

Fá-lo-ei como amigo, que teve o privilégio de o conhecer na adolescência, por volta de 1958.

A nossa cidade, os amigos e as Casas

A cidade era muito cíclica, vivia ao ritmo dos períodos letivos. As oportunidades passavam inicialmente pelo associativismo académico, no desporto, futebol, basquete e natação e depois pelo teatro, o Orfeão e a Tuna. Foi da natação que um sobrinho do Dr. João Cochofel me levou até à Casa do Arco.

Nos quatro anos que se seguiram, as férias de Natal, Páscoa e o mês de setembro eram aguardados e partilhados por um grupo de adolescentes de Coimbra e do Porto, que sorviam a amizade, paciência e amor da Sra. D. Maria da Graça Dória Cochofel (mais conhecida por Dolly) e da disponibilidade do senhor da casa, que nos atendia os pedidos e procurava que nos sentíssemos como da família.

As peças do grupo variavam, mas o “cuore” era mais ou menos este: Maria Eugénia (Nenita), Judite, Manuela, Eva, Paula, Jaime, Pedro, Vasco e o contador destas palavras.

Entre Coimbra e a Casa do Pinhal, no Senhor da Serra, havia coisa em comum: eram as mesas de pingue-pongue, raras na época e na cidade. Uma disponível no Palácio dos Grilos, outra no Salatinas e uma terceira, no D. João III, as mais acessíveis.

Não sabíamos, que esta mesa de pingue-pongue do Senhor da Serra guardaria outra memória: a de mesa de apoio aos registos das recolhas de música popular de Michel Giacometti, no gravador de João Cochofel! O produto final, editado em disco, viria a encontrá-lo em Paris, em 1969, na saudosa FNAC.

Naquela Casa do Pinhal, de mobiliário rústico alentejano, contrastante com a opulência citadina da rua do Loureiro, galvanizava-nos a evocação das Heróicas de Lopes-Graça, ali escritas, que para chegarem mais

longe eram cantadas no cimo do marco geodésico, que ainda perdura.

Em Coimbra, ficava a Casa do Arco, arco do meu imaginário infantil, já que na vila em que nasci, Soure, havia um arco mais pequeno ao fundo de uma rua e umas passagens subterrâneas que ligavam a casa dos meus avós a duas outras da praça. O passar para o outro lado do arco, era um sinal de responsabilidade e de maturidade. Não havia ritos, mas a aceitação, naquele espaço, mesmo que fosse sentado no chão a ouvir os adultos, constituía como que um gesto iniciático. Porque era ali que decorriam as tertúlias, os serões com as visitas, os amigos do Dr. João José Cochofel e a família. Nesse período, sem ordem de frequência: Joaquim Namorado, Egídio Namorado, Armando Bacelar, Rui Feijó, José Fernandes Fafe, António Pedro, Alberto Vilaça, Carlos de Oliveira, Ivo Cortesão eram quem mais por ali encontrávamos.

Nas passagens do ano, transformavam-se os salões principais em verdadeiros espaços dos espelhos à Louis XIV, reforçados com conjuntos de pares vindos das capitais, a Dolly e o Dr. João Cochofel faziam de anfitriões encantadores.

Os tempos sombrios, onde “há sempre alguém que resiste”

Eis, quando, em 1961, os indianos ocuparam Goa, Damão e Diu e Salazar proibiu qualquer festejo de Fim de Ano. Salvaram a situação o Alberto Vilaça e o Albano Cunha. O segundo vivia na Frei Tomé de Jesus, ao lado do Colégio de S. José, num duplex com umas águas furtadas e janelas para o vale do Rego dos Bons-Fins, sem ruas, nem casas. João Cochofel pediu-lhes e passámo-nos com discos e bagagens para ali. Estava salva a noite. Nesse período e já com a crista a despontar, começávamos a assistir às tertúlias e aos incidentes que iriam conduzir à greve de 1962.

Iniciou-se com as latadas, em outubro de 1961. O governo tentava acabar com a unicidade associativa. O chamado Decreto-lei 40.900, que já nos anos 1950 tinha sido ensaiado. Viemos à Casa do Arco, várias vezes, contar o que se estava a passar, qual o conteúdo dos cartazes

das latadas e qual a posição dos estudantes, que então, era de uma grande convergência.

Se me recordo do som das bolas de pingue-pongue, no silêncio da rua João Jacinto, quando ainda não conhecia a Casa do Arco, evoco também o som dos cascos dos cavalos da Guarda Republicana, a escorregar na calçada da rua do Loureiro, no Quebra-Costas e Arco de Almedina, em 1962, com as pedras enebadas. E o padre Zé Varanda a deixar-nos passar pela sacristia da Sé Velha para chegarmos ao Palácio dos Grilos, cercado. Foi com João Cochofel que reconheci um amigo de família, uma família de amigos, Arquimedes da Silva Santos. A Maria Luísa, sua mulher, partilhou-me com a minha irmã, desde que nasci. Deu-me o primeiro brinquedo pelo Natal, um cavalo de pasta de papel. Tinha 4 anos. E contou-me a primeira estória que recordo e procuro transmitir.

O Arquimedes, embalei com ele todo o curso de medicina!... *Voz Velada* (1958) viveu à cabeceira da minha cama, na camarata do quarto com meus irmãos.

De *Voz Velada*: “ao silêncio condenado. // (...) // Nos lábios a palavra / Do Silêncio escrava.”

O José Ferreira Monte, da casa do Dr. João Cochofel, foi o Zé Monte com quem convivi em casa do Rui Carrington da Costa, em Santa Clara, na Casa do Forno. Acabou em dificuldades, a tomar conta de uma biblioteca itinerante da Gulbenkian.

De *Tempo do Silêncio*: “Fica-te para aí, qual palácio aruinado. / De vidros partidos e ervas no chão: / Fica-te para aí, como ao vento um enforcado. / Exposta aos vermes da tua condição! // Fica-te, Cidade, fica-te nessa podridão / Que eu desprezo, mas canto iluminado / À luz dos versos - que são esta razão / De, sem ti, os poder ter cantado!”

E de novo as Casas, habitadas pela memória no outono da vida

Aquele jardim de buxos à francesa, à entrada pelo nº 9 da rua do Loureiro, era reverencial. Punha-nos em sentido. E o jardim das aromáticas, quando se ultrapassava o primeiro patamar, transportava-nos a Anacapri, se, ao tempo lá tivéssemos estado, ou conseguíssemos incorporar os jardins de Axel Munthe.

A Sra. D. Maria da Graça Cochofel (Dolly) era uma senhora alegre, participativa, de um empenho e zelo incansável, nos cuidados da avó do Dr. João Cochofel, D. Maria Eugénia Melo Correia (Gégé entre familiares),

com a filha Maria Eugénia e no seu acompanhamento com o marido. Os seus comportamentos e compromisso cívicos são hoje bem conhecidos. Era extremamente elegante e bem-disposta.

O humanismo, disponibilidade, partilha, solidariedade e entrega de João José Cochofel, em tempos difíceis de ditadura, recebendo, guardando, escondendo, ajudando, colocando-se em risco, viriam a ter o seu reverso com o advento da Liberdade.

Mas ele tão bem o pressagiava, trinta anos antes, não fosse um poeta do neorrealismo:

De *Descoberta* (1945): “Os outros / foram-se embora. // Eu fiquei só / e deixaram-me. // Deixaram-me / E não voltaram. / Deixaram-me / E fiquei só. // Fiquei só com esta angústia / Que me deixaram...”

Sartre viria a escrevê-lo e a pensá-lo antes de o escrever. Repetem-se os episódios, destroem-se as pessoas e, mais tarde, procura-se enaltecer, limpar, branquear as afrontas, cobrindo-as com uma bandeira.

Mais tarde, em *Quatro Andamentos* (1966), adivinhámos em João Cochofel um certo laivo de melancolia e de desilusão no poema “Tranquilo”: “Coração, pássaro triste, / posto à janela dos sonhos, / debica na minha mão / uma ilusão de medronhos. // Outros te não posso dar, / os verdadeiros, vermelhos. / Agora que o Outono é só / pau de ramos secos, velhos.”

Quem não experimentou o poder inebriante do zimbro e do medronho, que restam nas árvores, no outono da vida!? Como num sonho de circo, no neorrealismo italiano, faz-nos lembrar que nessa altura do ano, como naquela estação da vida, o vermelho das pétalas só pode existir na ilusão das suas mãos. João Cochofel deixou-nos, muito cedo. Vivia, eu, em Paris.

Quando, anos mais tarde, regresssei à Casa do Arco estava cerrada. A Casa do Pinhal violada e desventrada, na sua privacidade. Há muito que ele deixara Coimbra e o Senhor da Serra... como Zé Monte escrevera: “...Fica-te (ou morre), ao canto da guitarra e da viola, / Que já vejo, entre árvores, pelos ares à solta, / A raiva dos abutres a dividir-te, em festa!...”

Mais de meio século de uma família matriarcal. A começar pelo nome, em que um elo precocemente ausente se sentia presente, a cada passo.

Passaram muitos anos, mas ficaram connosco a afabilidade, o gesto simples, a delicadeza no trato e a simplicidade que caracterizaram **João José de Melo Cochofel** Aires de Campos.

Setembro, 2019

CATÁLOGO

(...)

Caído de outro mundo
olho em redor.
E esqueço-me de que olho,
Esqueço-me de que penso...
Um galo que cantou alto
Desfez o mistério.

Do poema "Repouso", *Instantes*, 1937.



João José de Melo Coehofel Aires de Campos

7306



[Handwritten signature]



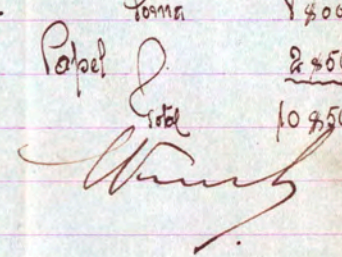
= Certidão =

Eduardo de Miranda Vasconcelos, Conservador do Registo Civil de Coimbra:

Certifico que, a folhas cento e trinta e sete, verso, do livro numero um, de registos de nascimentos desta Conservatória, referenti ao ano de mil novecentos e dezanove, se encontra o assento do teor seguinte: - No 307 - João José de Melo Coehofel Aires de Campos. A's oito horas de duassete de julho de mil novecentos e dezanove, na Rua do Doutor João Jacinto, freguesia da Penha, desta cidade, nasceu um individuo do sexo masculino, a quem foi posto o nome de João José de Melo Coehofel Aires de Campos, filho legitimo de Pedro de Paude Luexia Aires de Campos Vieira da Mota, de trinta annos, proprietario, natural da freguesia de Santa Cruz, desta cidade, e de Maria Albuca de Melo Coehofel Aires de Campos, de vinte e um annos, proprietaria, natural da freguesia e concelho de Espinho, domiciliados e la na dita Rua, e de na Rua da Sofia, desta cidade; neto paterno de João Maria Correia Aires de Campos (conde do Ameal) e de Maria Luécia de Paude Luagalbães Luexia Helena Pinto Vieira da Mota (Condessa do Ameal); e materno de José Luíza Eugénio de Luaique e Melo Correia, digo Luíza de Luagalbães Cuiental Coehofel e Luíza Eugénia de Luaique e Melo Correia. Fes a declaração a avó materna do registando. Foram tes témunhas deste registo, Damião Ferreira de Matos e casa do, professor da Universidade, domiciliado nesta cidade, e Pau

- Antônio Roxas de Carvalho, casado, secretário do Preu de José
Falção, domiciliado nesta cidade. De fora deste registro ser lido e
 conferido como seu extrato, per autê todos, vai ser assinado pelos
 mesmos e por mim, Eduardo Paldauhada Silva Nieira, Con-
 servador do Registro Civil de Coimbra. E no momento em que está
 em vigor, e no extraeto vai estar dos setenta e nove mil e cinco
 e setenta e sete mil e quinhentos. Coimbra, Conservatória do Registro Civil,
 de agosto de mil novecentos e dezanove. Maria Eu-
gênia de Araújo e Melo Correia - Samuel Ferreira de Araújo.
Antônio Roxas de Carvalho - Eduardo Paldauhada Sil-
va Nieira - Verbalemente - Emmanuel pelo efeito do arquivo
 dos pais, por seu tempo, de fora de arquivo de mil novecentos
e trinta e dois, como consta do registro de casamento dos
 mesmos havido sob o numero quinhete, no livro respeti-
vo de mil novecentos e dezanove, desta Conservatória de sete
seis e oitenta e um requerimento - duas numero quatro.

	Conta:	
Coimbra, Conservatória do Registro Civil, vinte e três de	Receita	3 \$50
Julho de mil novecentos e trinta e nove. O Conservador, <u>Eduar, Jara</u>		2 \$50
do de <u>Miranda Vasconcelos</u> . - Conferido, está em vigor - <u>Coim -</u>		1 \$06
<u>ha</u> , Conservatória do Registro Civil, vinte e quatro de <u>Julho de</u>	Receita	1 \$00
<u>mil novecentos e trinta e nove</u> . <u>Essa</u> no <u>aviso</u> <u>de</u> <u>Receita</u>	Forma	1 \$00
<u>Amador de Miranda Vasconcelos</u>	Papel	2 \$50
	Costa	10 \$50



“Mesmo em frente da velha casa onde nasci, em Coimbra, ao alto da fachada do Colégio Novo, um nicho abriga uma escultura do séc. XVII, representando Santo Agostinho, de mitra e báculo, e um livro aberto na mão esquerda.

O «bispo de pedra» existe portanto na realidade. E a mais antiga recordação de infância que dele tenho é um nevoeiro de temor e de respeito.”

Jornal O Século, 5 de Março de 1966





► **Maria Albina de Manique e Melo Cochofel.**
Mãe de João José Cochofel.

► **João José Cochofel, com a avó (Maria Eugénia de Manique e Melo Correia).**
No dia do casamento com Maria da Graça Simões de Carvalho Dória, conhecida apenas por "Dolly" (de origem irlandesa e catalã por parte do pai). A família veio para Portugal no final do séc. XIX, o pai fundou a Fábrica de St.ª Clara, e a sua avó foi professora de piano da família Cochofel. João e Dolly começaram a namorar muito jovens, com 17 e 14 anos respetivamente.



► **Casamento com Maria da Graça Dória a 02.05.1942.**

Da esquerda para a direita, 1ª fila, Ivo Cortesão, Maria Vitória Dória Cortesão (ambos cunhados), 4º José Cochofel (primo), 5º João Alberto dos Reis (Presidente da Assembleia Nacional), João José Cochofel e Maria da Graça, a seguir, Alberto Cochofel (óculos), Carlos de Oliveira, Fernando Namora e Egídio Namorado. De joelhos o pai da noiva, Maria da Graça, Jaime Castanhinha Dória. Na 2ª fila Rui Feijó, Maria Albina Cochofel e Maria Irene Simões de Carvalho Dória. Atrás, os 3 primos, Rui Cochofel (último, mais alto), Mª Antónia Cochofel e Adelaide Cochofel.

► **Na Figueira da Foz.**

Com a esposa (Dolly), a cunhada Maria Vitória e um casal de amigos.



► Na Figueira da Foz, com a esposa, Dolly.
No início da vida em comum.

► Com a Dolly e a filha Maria Eugénia Dória Cochofel (Nenita), na Figueira da Foz.



► **João Cochofel e Dolly.**

Em baixo, da esquerda para a direita, Maria Eugénia Manique e Melo Correia (avó), Irene Simões de Carvalho Dória (sogra), Jaime Castanhinha Dória (sogro), Maria Vitória Dória Cortesão (cunhada, irmã da Maria da Graça, casada com Ivo Cortesão), Maria Albina (mãe) e Carlos Dória (cunhado).

► **Maria da Graça e João José Cochofel.**

No Senhor da Serra, no marco geodésico, ponto de paragem obrigatório nos passeios e caminhadas ao pôr-do-sol.



► Em Córdoba com a Dolly (câmara de filmar ao peito).

► João José Cochofel com Dolly e a Alda Maria.

A Alda Maria era filha de um casal de antifascistas que tinha sido preso. Era prática os filhos dos antifascistas presos serem acolhidos por outros, durante a reclusão ou exílio, caracterizava o modo solidário e generoso de João José Cochofel.



► No jardim da Casa de Coimbra, o núcleo Cochofel da família.

Em baixo, da esquerda para direita, Maria da Graça, João José Cochofel, D. Eugénia com Maria Eugénia Doria Cochofel ao colo, Adelaide Cochofel e Rui Cochofel (sentado no chão). Na 2ª fila, Rui Cochofel (primo). Na última fila, Antónia Cochofel, Alberto Cochofel e Maria Albina Cochofel (mãe).



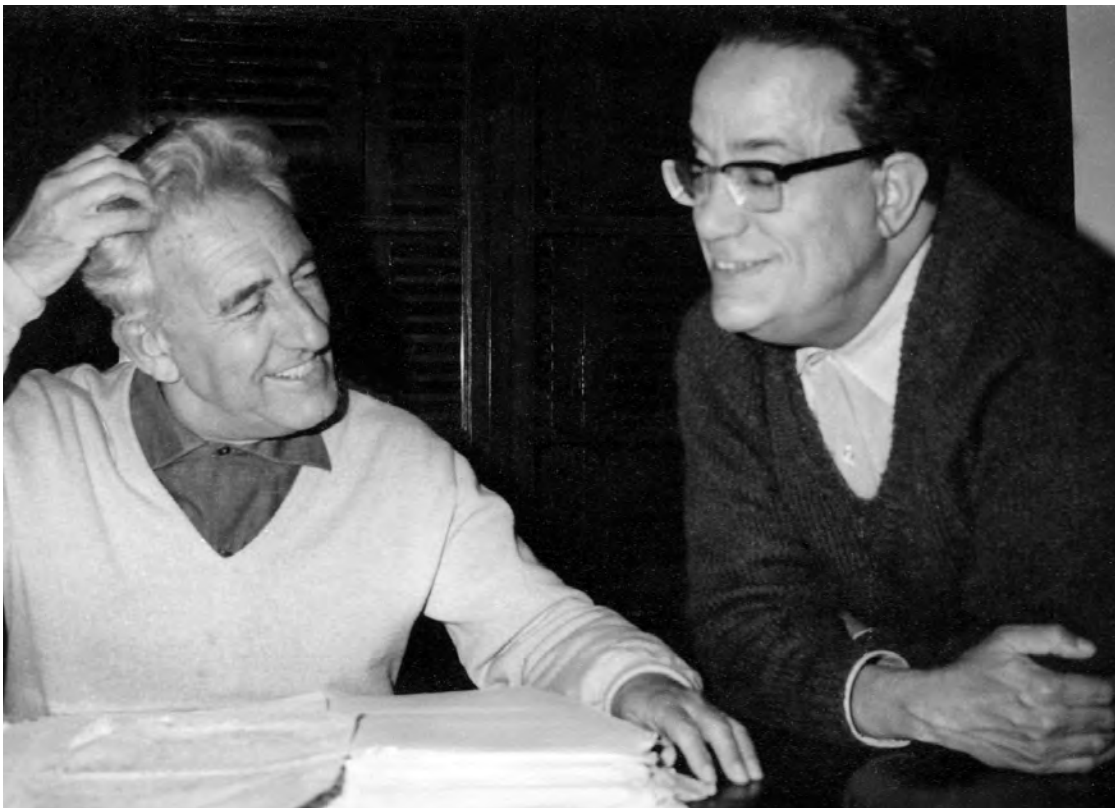


► **No casamento da filha Nenita, com a família mais próxima.**

Da esquerda para a direita, a sogra (Irene Dória), esposa (Dolly), genro (Octávio Augusto Quintela), filha Nenita, João J. Cochofel, Matilde Quintela, Octávio Quintela e Libânia Quintela.

► **No "Ping-Pong".**

Pavilhão construído na Casa do Pinhal, Senhor da Serra, onde se desenvolveu grande parte da atividade literária e musical de João José Cochofel e amigos próximos, com a esposa (Dolly), José Gomes Ferreira e mulher, Rosália Vargas.



► **João José Cochofel no salão da Casa de Coimbra.**

Na sua chaise longue preferida, de cor de tijolo. As paredes do salão – tal como a maioria das divisões da casa – eram revestidas a papel brocado, neste caso, vermelho escuro. Contava-se que fora a mãe de Cochofel – Maria Albina –, de mentalidade aberta e avançada para a época, que, no início do século XX, decidira o revestimento arrojado daquele espaço. Nas paredes é possível ver, ainda, uma peça de porcelana com o brasão da família e, junto à janela de onde se via o Bispo de Pedra, a telefonia com o gira-discos, peça essencial.

► **Quando a amizade e a cumplicidade se estampam nos rostos de João José Cochofel e José Gomes Ferreira (no Senhor da Serra).**



► Em Ranholas, com Mário Dionísio.

► Com Augusto Abelaira e esposa Susana Ruth (Susy).



► **Com Dolly e a neta Sofia.**

Teria 47 ou 48 anos (Cochofel foi avô aos 45 anos).

► **No Sabugueiro.**

Na "herdade", no concelho de Coruche, próximo de Benavente, localidade de origem do avô João Jacinto Corrêa, que muito jovem foi estudar Medicina para Coimbra, vindo a ser Lente dessa Universidade), com Maria Vitória Quintas (a Totó), o marido (Pacheco), Dolly e a neta Sofia.



► Com as netas Sofia e Leonor, no Senhor da Serra.

► Com as netas e a Dolly, no Senhor da Serra.



► Com Carlos de Oliveira, no Sabugueiro.

► Com Arquimedes da Silva Santos, no Sabugueiro.



► Com Belarmino Barata, em Armação de Pêra.

► No "Ping-Pong", no Senhor da Serra.



► **Com Vitorino Nemésio.**

A família Nemésio era extremamente próxima da família Cochofel, Gabriela Nemésio, esposa de Vitorino, era grande amiga de Maria Albina, mãe de Cochofel; a filha Georgina, que casa com José Teixeira de Queiroz, passa a fazer parte do círculo mais próximo de amigos.

► **João José Cochofel e a neta Leonor.**



► João José Cochofel.
Foto tirada na varanda da casa do Campo Pequeno, do seu escritório.

► João José Cochofel com Belarmino Barata e Egídio Namorado.



► Arquimedes da Silva Santos, João José Cochofel e Carlos de Oliveira.

► No aniversário de João José Cochofel com Arquimedes da Silva Santos na sua casa, em Lisboa.



► No Penedo da Saudade. Ao centro Joaquim Namorado (1ª fila).

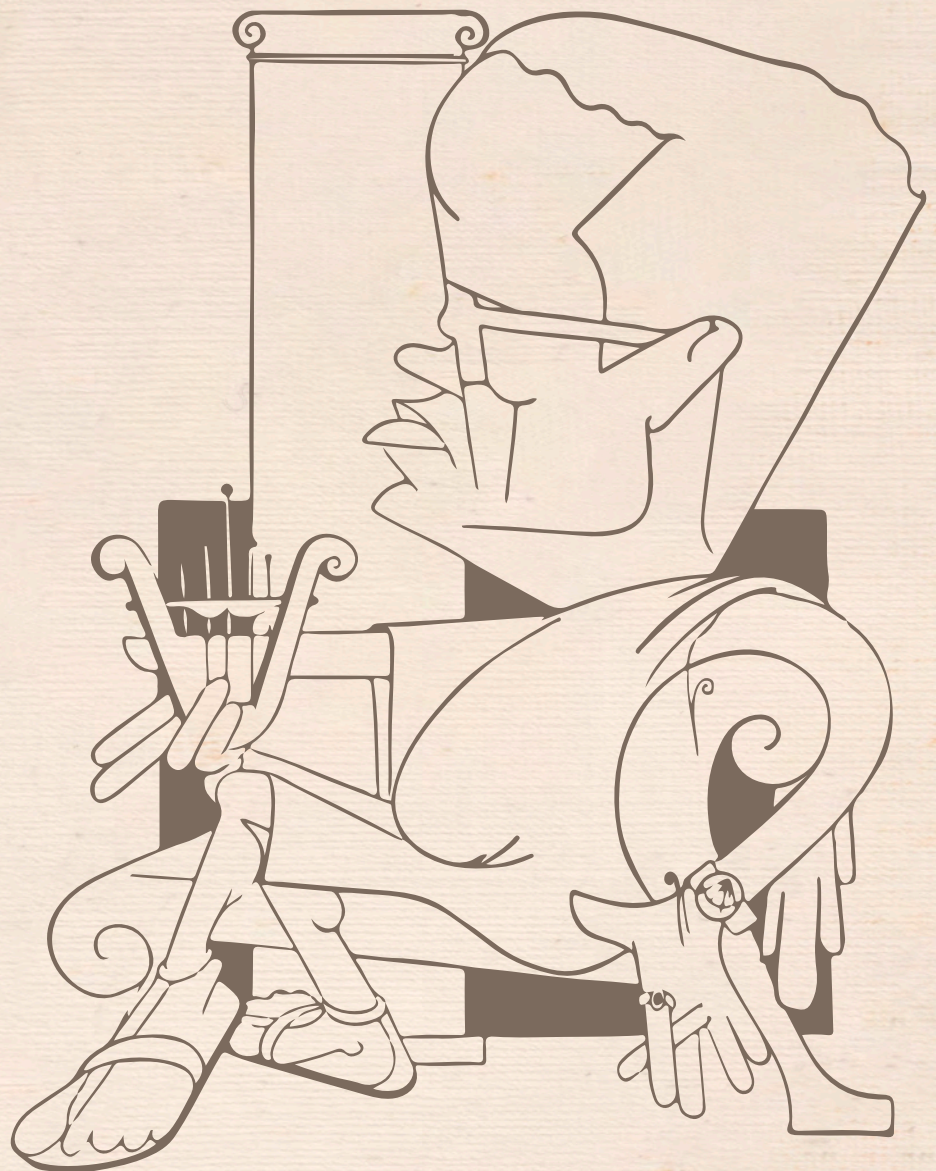
► Arquimedes da Silva Santos, Rui Feijó, Carlos de Oliveira, Mário de Oliveira, Joaquim Namorado, Egídio Namorado e João José Cochofel, 1945.



► João José Cochofel, Fernando Namora e Júlio Gaspar da Costa.

“Na velha Grécia
a luz doirava os templos pagãos
nos vértices dos montes.
E uma raça sã, de ar livre,
um povo esteta
legaria através dos séculos
o amor do sol
a este poeta.”

Do livro “Quartanistas de Letras”, Carlos de Oliveira, 1943.



Da vida académica

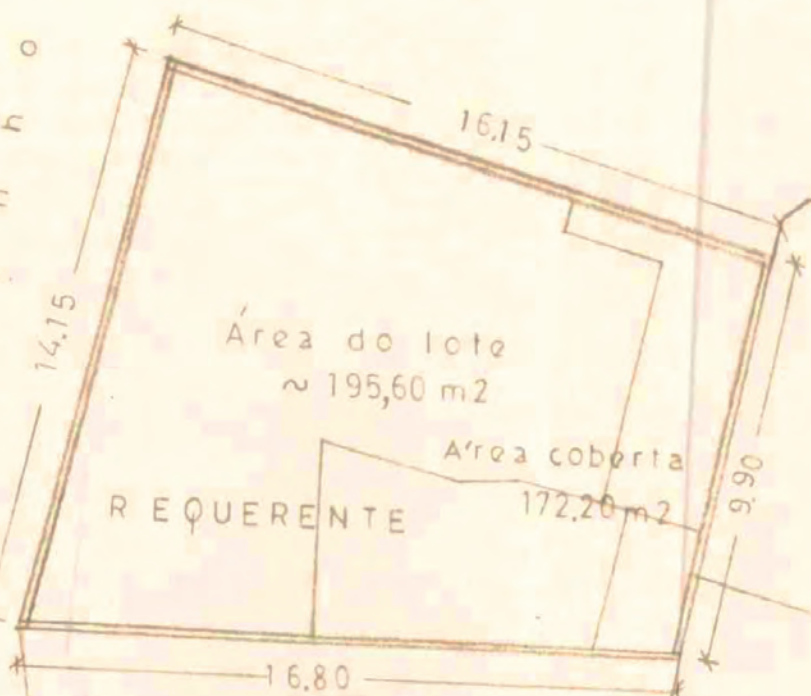
João José Cochofel frequentou o Colégio Progresso entre 1937 e 1938, que ficava na Rua dos Coutinhos, em Coimbra, tendo-se apresentado a exames no Liceu D. João III como aluno externo.

Matriculou-se na Universidade de Coimbra a 7 de Outubro de 1939, na licenciatura de Ciências Histórico Filosóficas.

COLEGIO DOS ÓRFÃOS

COLEGIO PROGRESSO

RUA DOS COUINHOS





Colégio Progresso
Inscrição dos Alunos



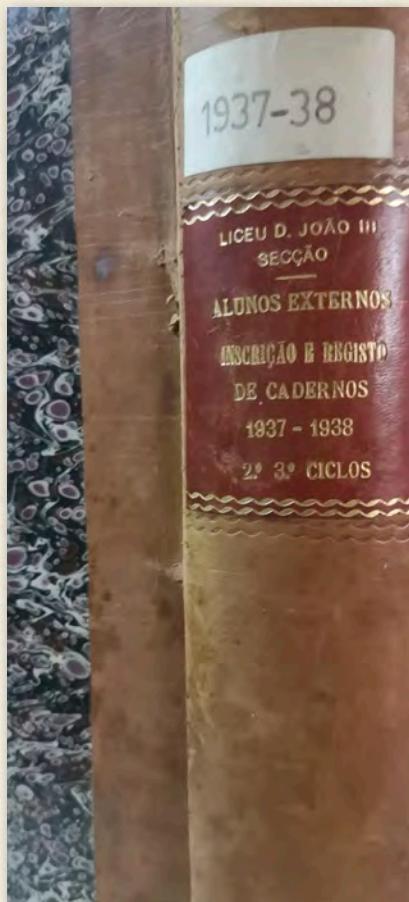
N.º 24

M. José Rocheteel Aires de Campos
 de _____ anos de idade, natural de _____
 filho de _____, de profissão _____
 cuja educação está a cargo de _____
 morador em _____

	Português		Francês		Civ. e Prog.		Hist. e Geog.		Ciências		Matemática		Música		Desenho		Educação física	
	Prova	Notas	Prova	Notas	Prova	Notas	Prova	Notas	Prova	Notas	Prova	Notas	Prova	Notas	Prova	Notas	Prova	Notas
1.º período	1	12	—	3	—	5	—	10	—	10	—	—	—	—	—	—	—	—
2.º período	—	—	—	11	—	5	15	—	—	—	—	—	—	2	11	—	—	—
3.º período	—	—	—	11	—	15	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—
Média	—	12	—	11	—	15	—	10	—	10	—	—	—	—	11	—	—	—
Média final	12 valores.																	

Observações:

► Ficha de aluno no Colégio Progresso, Rua dos Coutinhos, Coimbra, 1937.



João José de Melo Cochofel Aires de Camões ^{2.º 10}
filho de *Pedro de Sousa Mendes Aires de Camões*,
natural da freguesia de *Se Nova*,
concelho de *Coimbra*,
nascido no dia *17 de julho de 1919*
Encarregado de educação, *Manuel Mendes dos Santos*
1937-1938 Ano 10

Novembro

Disciplinas	1.º semestre		2.º semestre		Média por disciplina	Resultado do exame
	Notas	Nome do prof.	Notas	Nome do prof.		
Língua e literatura portuguesa	10		10			
Latim	11		12			
Ciências geográficas	11		12			
Ciências biológicas	10		10			
Ciências físico-químicas	11		12			
Matemática	12		12			
Organização Pol. e Adm. da Nação	11		12			
Filosofia	12		12			
Higiene e educação física						
Canto coral						

Estabelecimento que frequenta: *C. Paganini*

Observações:

João José de Melo Cochofel Aires de Camões ^{2.º 7}
filho de *Pedro de Sousa Mendes Aires de Camões*,
natural da freguesia de *Se Nova*,
concelho de *Coimbra*,
nascido no dia *19 de julho de 1919*
Encarregado de educação, *Manuel Mendes dos Santos*
1938-1939 Ano 10

Novembro

Disciplinas	1.º semestre		2.º semestre		Média por disciplina	Resultado do exame
	Notas	Nome do prof.	Notas	Nome do prof.		
Língua e literatura portuguesa						
Latim						
Ciências geográficas	11		11			
Ciências biológicas	10		10			
Ciências físico-químicas						
Matemática						
Organização Pol. e Adm. da Nação	11		12			
Filosofia						
Higiene e educação física						
Canto coral						


Estabelecimento que frequenta: *Paganini*



Observações: *Leu este livro em Ciências Geográficas, Ciências Biológicas e Org. Social. Fez os exames de Latim, G. e F. e de História em 1938, neste livro.*






► Ficha de aluno de José João Cochofel, como aluno externo aos exames no Colégio D. João III, em Coimbra, 1937 e 1938.

-----NOTARIADO PORTUGUES-----
 -----SECRETARIA NOTARIAL DE COIMBRA-----
 -----PUBLICAFORMA-----
 Lugar do Escudo Nacional, Republica Portuguesa, Liceu Nacional D. João III, em Coimbra. O Reitor do Liceu: Licenciado, Alberto Sá de Oliveira faz saber que o aluno João José de Melo Cochofel Aires de Campos, natural de Coimbra, concelho de Coimbra, filho de Pedro de Sande Mexia Aires de Campos Vieira da Mota, tendo sido examinado nas disciplinas que constituem o curso do terceiro ciclo dos liceus, foi aprovado com a classificação final de 12 (12) valores, conforme consta do livro respectivo a fl. 152 v. Pelo que, e para os efeitos legais, lhe manda passar o presente diploma do curso do terceiro ciclo dos Liceus, que vai por ele assinado e autenticado com o selo branco deste Liceu. Este exame foi concluído em 1939. Secretaria do Liceu Nacional D. João III, em 18 de Setembro de 1939. O Reitor, (a) Alberto Sá de Oliveira, inutilizando uma estampilha fiscal da taxa de trezentos escudos. O Chefe da Secretaria, (a) Mario José dos Santos. Lugar de dois sellos brancos do Liceu.-----
 É publicaforma que fiz extrair e vai conforme ao original que rubriquei e restitei e no qual coleí e inutilizei estampilhas fiscais no valor de dois escudos e cinquenta centavos.-----
 Coimbra e Secretaria Notarial Nota digo Notarial, na rua da Sofia, numero cento e vinte e um, aos dezesseis de Setembro de mil novecentos e trinta e nove. *Assinado: Pedro, e assinado: Notarial*


Capit. de justiça
António Jorge Pereira
 Conta:
 No 11.....3,00
 No 24.....2,00
 Soma.....5,00
 Artigo 227.....2,50
 Total.....7,50
 São sete escudos e cinquenta centavos.
 Registrada no respectivo livro sob o nº 61
J. Pereira



 Ex.ª Senhor Reitor da Universidade de Coimbra:
 João José de Melo Cochofel Aires de Campos, filho de Pedro de Sande Mexia Aires de Campos Vieira da Mota, natural de Coimbra, concelho de Coimbra, distrito de Coimbra, portador do bilhete de identidade nº 401967, passado pelo arquivo de identificação de Coimbra, em 28 de Novembro de 1936, desejando matricular-se, digo matricular-se definitivamente nesta Universidade afim de se inscrever em Ciências Histórico-Filosóficas, da Faculdade de Letras, visto ter sido aprovado no respectivo exame de aptidão
 Pede a V.ª Ex.ª deferimento.
 Coimbra, 23 de Setembro de 1939
 a) *João José de Melo Cochofel Aires de Campos*
 Reconheço a *assinatura supra*
 Secretaria Notarial de Coimbra, 23 de Setembro de 1939
Assinado: Notarial



Fernando José de Melo Cochofel Aires de Campos
Reitor da Universidade de Coimbra
Recebo a assinatura supra
de matrícula
 Secretaria Notarial de Coimbra, 23 de Setembro de 1939
Assinado: Notarial



► Publicaforma (certidão) que atesta que João José Cochofel foi aprovado nas disciplinas do 3º ciclo, com média final de 12 valores (18 de Setembro de 1939).

► Requerimento ao Reitor da Universidade de Coimbra desejando matricular-se na Universidade (23 de Setembro de 1939).

PASSE EM ESTADOS
O SECRETARIO



UNIVERSIDADE DE COIMBRA
ENTRADA
Em 23 de Setembro de 1939
EX.º 5523.º A.º 1.º


Ex.º Senhor Reitor da Universidade de Coimbra:

João José de Melo Cochofel Aires de Campos, filho de Pedro de Sande Mexia Aires de Campos Vieira da Mota, natural de Coimbra, concelho de Coimbra, distrito de Coimbra, desejando, para efeito de matrícula nesta Universidade, que lhe seja passada certidão de aprovação no exame de aptidão à primeira matrícula na Universidade, com destino à licenciatura em Histórico-Filosóficas, da Faculdade de Letras,

Pede a V.ª Ex.ª se digne mandar passar.

Coimbra, 23 de Setembro de 1939

a) João José de Melo Cochofel Aires de Campos



UNIVERSIDADE DE COIMBRA
ENTRADA
Em 24 de Setembro de 1939
EX.º 5523.º A.º 1.º

Ex.º Senhor Reitor da Universidade de Coimbra:

João José de Melo Cochofel Aires de Campos, filho de Pedro de Sande Mexia Aires de Campos Vieira da Mota, natural de Coimbra, concelho de Coimbra, distrito de Coimbra, desejando inscrever-se definitivamente como aluno ordinário nas seguintes disciplinas da licenciatura em Ciências Histórico-Filosóficas, da Faculdade de Letras:

História da Antiguidade Oriental
História da Antiguidade Clássica
História da Filosofia Antiga
Geografia Humana
Psicologia Geral
Epigrafia


Pede a V.ª Ex.ª deferimento

Coimbra, 24 de Setembro de 1939

a) João José de Melo Cochofel Aires de Campos

Certifico que o requerente foi aprovado no exame das disciplinas do exame de aptidão à primeira matrícula na Universidade com destino a licenciatura em Ciências Históricas e Filosóficas da Faculdade de Letras no ano de 1939.

Secretaria da Universidade de Coimbra, em 24 de Setembro de 1939.



- Requerimento para que lhe seja passada certidão de aprovação no exame de aptidão à Universidade de Coimbra (23 de Setembro de 1939).
- Requerimento para se inscrever na licenciatura de Ciências Histórico-Filosóficas, na Faculdade de Letras (24 de Setembro de 1939).

* Apresentou o seu bilhete de
 1.ª utilidade — que tem o n.º 4019 Ef.
 e foi passado pelo Arquivo de
Coimbra.
 028 28 / 11 / 1939
 7 / 10 / 1939

João José de Melo Cochofel Aires de Campos
 filho de Pedro de Saude Mexia Aires de Campos Vieira da Costa
 natural de Coimbra, concelho de Coimbra
 distrito de Coimbra, matriculou-se em 7 de Outubro de 1939 na Univer-
 sidade de Coimbra com destino à licenciatura em Ciências Históricas e Filológicas
 Faculdade de Letras; e pagou nesta data a importância de
 correspondente à propina de matrícula, ao respectivo termo e

O aluno, João José de Melo Cochofel Aires de Campos
 O 1.º oficial, Melo

Propina de matrícula	50 \$ 00
Termo	1 \$ 50
	8
Total	51 \$ 50

UNIVERSIDADE DE COIMBRA 116
 Ano lectivo de 1945 - 1946
BOLETIM DE INSCRIÇÃO

(1) João José de Melo Cochofel Aires de Campos nascido no dia 17 de Julho de 1919
 filho de Pedro de Saude Mexia Aires de Campos Vieira da Costa natural da freguesia de S.º Nova
 distrito de Coimbra, concelho de Coimbra, inscreve-se no dia 27 de Setembro
 de 1945, como aluno (*) ordinário, nas disciplinas de

História Geral da Civilização
 História Moderna e Contemporânea
 Política e História da Arte
 Biologia Experimental

com destino (*) à licenciatura em Históricas - Filológicas
 da **FACULDADE DE LETRAS**, pagando na mesma data as propinas correspondentes à 1.ª prestação da sua inscrição.

O aluno (*) João José de Melo Cochofel Aires de Campos

300\$00	50\$00	5\$00	0\$80
PORTUGAL	PORTUGAL	PORTUGAL	PORTUGAL
TREZCENTOS	CINQUENTA	CINCO	DEZ
REIS	REIS	REIS	REIS

CONTA:
 Inscrição . . . \$. . .
 Multa . . . \$. . .
 Soma . . . 35 \$ 80

Pagou, no dia 13 de Fevereiro de 1946, as propinas correspondentes à 2.ª prestação da sua inscrição nas
 disciplinas acima referidas

O aluno João José de Melo Cochofel Aires de Campos

400\$00	5\$00	0\$90
PORTUGAL	PORTUGAL	PORTUGAL
QUATROCENTOS	CINCO	NOVENTA
REIS	REIS	REIS

CONTA:
 Inscrição . . . 35 \$ 80
 Multa . . . 50 \$ 00
 Soma . . . 405 \$ 80

- ▶ Comprovativo de matrícula na Universidade de Coimbra (7 de Outubro de 1939).
- ▶ Documento de inscrição no ano lectivo, (27 de Setembro de 1945) e pagamento de propinas (13 de Fevereiro de 1946).

UNIVERSIDADE DE COIMBRA
FACULDADE DE LETRAS

359

2.ª SECÇÃO: CIÊNCIAS HISTÓRICAS, GEOGRÁFICAS E FILOSÓFICAS

Ano lectivo de 1945 a 1946

Licenciatura em _____

DISCIPLINA DE História Moderna e Contemporânea

Aos 29 dias do mês de Maio de 1946 foram submetidas à apreciação do Juri constituído pelos professores abaixo assinados as provas dos exames de frequência que o aluno ordinário João José de Melo Coelho Fiores de Campos realizou no ano lectivo de 1945 a 1946 na disciplina de História Moderna e Contemporânea da licenciatura em _____ da Faculdade de Letras.

Concluído o julgamento das provas o Juri atribuiu ao referido aluno a classificação de 14 valores.

14

M. Lopes de Almeida

11-6-46

Entrada em 11.6.1946

N.º 1331 L.º 1337 de 1919

Reitor

Depido de que queira a multa de 5000.

Reitor das Escuelas, em 11 de Junho de 1946.

Ex.ª Sr. Reitor da Universidade de Coimbra:

João José de Melo Coelho Fiores de Campos
filho de Pedro de Sousa Fiores Fiores de Campos
Vieira de Freitas
natural da freguesia de Le Nova
concelho de Coimbra
distrito de Coimbra, aluno ordinário da Faculdade de Letras, licenciatura em Ciências Históricas, Filosóficas, desejando ser admitido a exame nas disciplinas seguintes:
História Geral da Civilização
Psicologia Experimental
para do prazo e em pagamento de multa

Pede a V. Ex.ª deferimento.

Coimbra, 11 de Junho de 1946.

João José de Melo Coelho Fiores de Campos

(1) Nome do requerente. (2) ordinário ou extraordinário. (3) encher só pelos alunos da Faculdade de Letras). (4) Faculdade ou Escola. (5) Letras, Medicina, Ciências ou Farmácia. (6) licenciatura em _____; curso de _____ ou seção de Ciências Pedagógicas (para ser preenchido só pelos alunos das Faculdades de Letras e Ciências). (7) Assinatura do requerente sobre selo fiscal de 500.

Mod. - P - Preço 500

Pagou, no dia 7 de Junho de 1946, as propinas correspondentes à 3.ª prestação da sua inscrição nas disciplinas anuais retro mencionadas.

Seu número de matrícula é 942-43

CONTA:

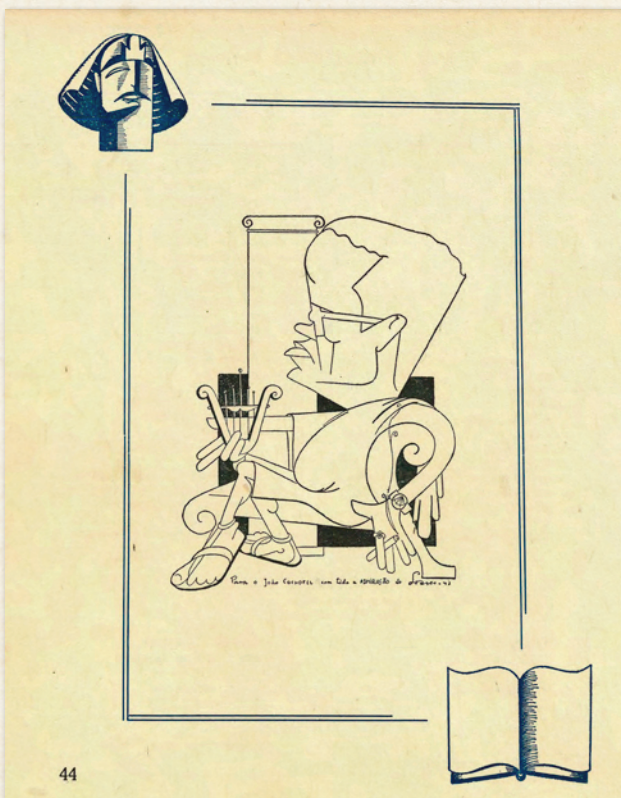
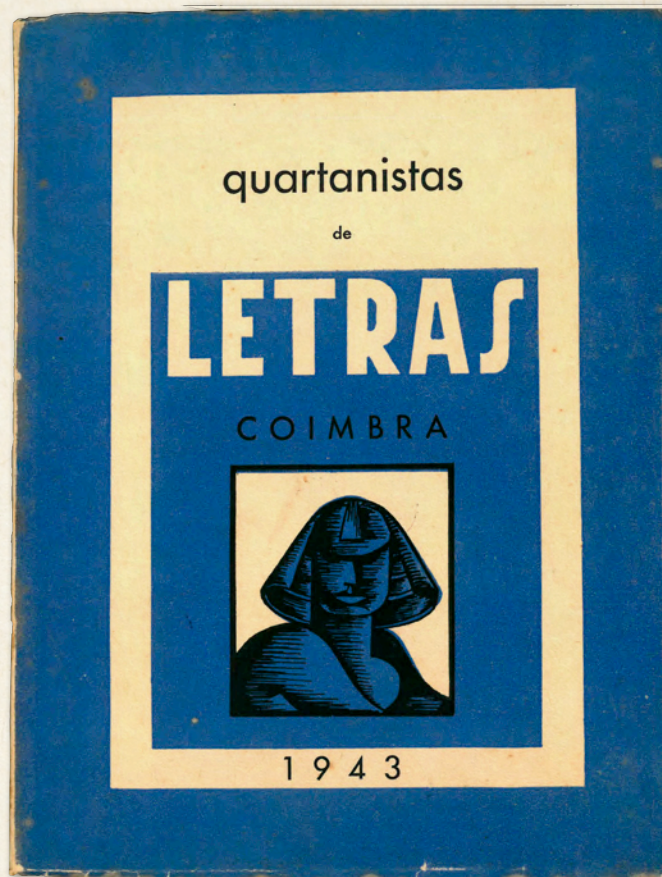
Inscrição	*
Multa	*
Soma	333.60

O aluno João José de Melo Coelho Fiores de Campos

Pagou no dia 11 de Junho de 1946 a multa de 5000, foi-lhe repellido o exame de frequência.

João José de Melo Coelho Fiores de Campos

- Ficha de exame da disciplina História Moderna e Contemporânea com aprovação de 14 valores (29 de Maio de 1946).
- Requirementto ao Reitor da Universidade de Coimbra para fazer exames (11 de Junho de 1946).



João José Cochofel

Na velha Grécia
a luz dóirava os templos pagãos
nos vértices dos montes.
E uma raça sã, de ar livre,
um povo esteta
legaria através dos séculos
o amor do sol
a este poeta.

Vejam-no de túnica,
grave e reclinado.
Não é um sapo ao sol
nem um lagarto espapaçado.
Haja decência!
— o mais que pode parecer
é um céptico grego
da decadência.

Um tudo nada lânguido
e aristocrático.
É certo.
Mas do seu abandono
a gente espera a todo o instante
ver surgir
(rasgando aquele mole sono)
uma força espontânea.
— Como um súbito brilho
de sol de agosto
na calma luz mediterrânea.

Olhando-o dois minutos
a gente fica certo
de que há-de vê-lo erguer-se
finalmente
para, encostado a uma coluna dórica
antiquíssima e fendida,
falar de certas e irrevogáveis coisas...

— Do destino dos homens
e da futura beleza da vida!

Com um abraço do

CARLOS DE OLIVEIRA

► Livro de curso dos "Quartanistas de Letras" (1943).

► Caricatura de João José Cochofel da autoria de Soares (1948) e poema de Carlos de Oliveira.

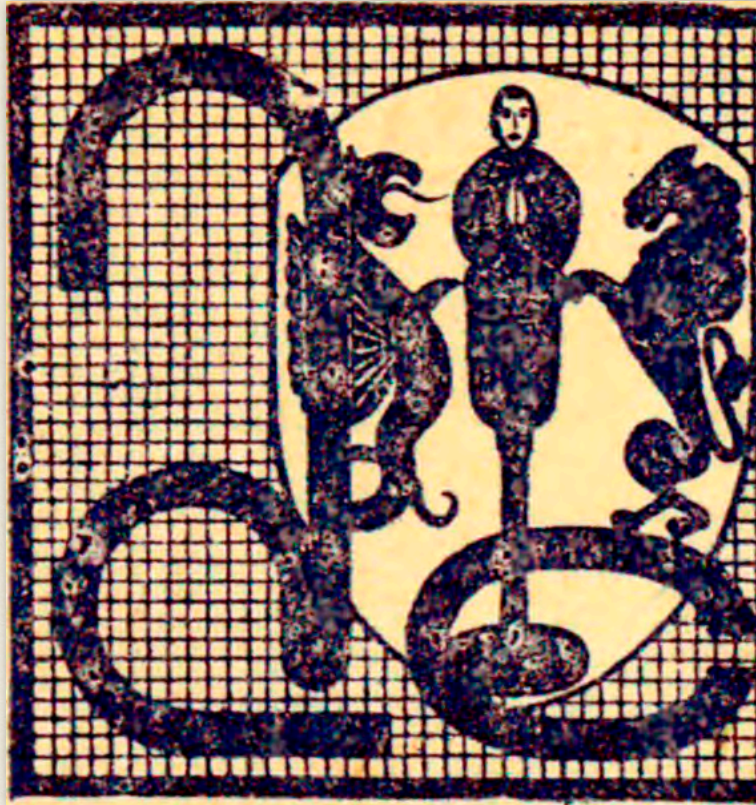


► Na casa de João José Cochofel, no Senhor da Serra, Verão de 1946.

Em pé, da direita para a esquerda, José Gomes Ferreira, Fernando Lopes-Graça e João José Cochofel com os grupos cénico e de campismo do Ateneu de Coimbra. Vê-se, ainda, Arquimedes da Silva Santos com a filha de Cochofel, Maria Eugénia, às cavalitas. Em baixo, da esquerda para a direita Rui Adelino Damasceno de camisa branca.

Ateneu de Coimbra

João José Cochofel foi admitido sócio do Ateneu, como consta na Acta nº9, de 27 de Agosto de 1941, proposto pelo sócio António Augusto dos Santos a 8 de Agosto de 1941. A 26 de Fevereiro de 1945 foi nomeado, juntamente com Arquimedes da Silva Santos, para a Secção de Cultura do Ateneu de Coimbra, tomado posse a 5 de Março de 1945. A 11 de Janeiro de 1946 integra os órgãos sociais como 1º vogal do Conselho Fiscal do Ateneu.



ATENEU
DE COIMBRA

45

N.º 25 37
Aprovado a 1 141
ACTA N.º 9

PROPOSTA PARA SÓCIO

Proponho para Sócio o Sr. João José Lechafel
 _____, natural de _____, com 20 anos de idade,
 de profissão Estudante, morador na Rua João Jacinto

_____, n.º _____,
 O sócio António Augusto dos Santos, N.º 10
 O proposto, _____

Coimbra, 8 de agosto de 1941.

N. B. — Esta proposta deve ser acompanhada da quantia de 5\$00.

António Augusto dos Santos

► Logotipo do Ateneu de Coimbra em 1941.

► Proposta para sócio do Ateneu.

resolver um assunto de urgencia, que é o seguinte. Foi lida e discutida, a car., uma carta de Sr. Joaquim Santos Natividade, cuja não tinha data. A comissão resolveu responder a essa carta nos termos do ofício n.º de 25 de julho de 1941, e por mais assuntos não haver foi encerrada a sessão cuja vai ser assinada.

Antonio Augusto dos Santos

Presidente

João José Cochofel
 Secretário

*
 Reuniu a Comissão Organizadora, aos 14 de Agosto de mil novecentos e quarenta e um. Esta comissão estava reunida com os seguintes: Antonio Augusto dos Santos, Emanuel Garrido, Antonio dos Santos, Emanuel Pastana e Eurico Pereira.
 Foi deliberado o seguinte: Todos os socios inscritos no Ateneu até esta data, serão considerados socios fundadores. Foi concedida esta honra a estes socios, devido a todos eles terem se dedicado e trabalhado em prol do Ateneu desde a sua fundação. Mas como nesta data por encontrarem uma grande parte dos socios em falta de dados em cartas, e como a escuridão trouxe a necessidade de uma nova organização, a comissão resolveu tomar varias medidas. Em virtude de estas medidas tomadas, resolveu officiar a todos

os socios, participando-lhes que haviam tomado a resolução de fazerem um desconto de 50% das cartas em Ateneu até ao dia quinze de Setembro próximo, devido a comissão ter a liberdade passar a cobrança mensal para 20,00 dois contos e cinco centavos, a partir do dia 1 de Outubro deste mesmo ano. Resolveu mais ainda que os socios que abrandaram o desconto de 50% nas cartas, deviam liquidar essas importancias no prazo máximo de quinze dias, ou seja até ao dia 30 de Setembro, de contrario, ficariam doras de gozo dos seus direitos. Como se tivesse havido na organização de novos socios, e como nesta data houveram algumas propostas já apresentadas por candidatos a socios, foram estas discutidas e todas aprovadas pela Comissão Organizadora, resolvido que em breve estes novos socios poderiam ter a data da Carta, pagarem uso dos seus direitos, mas só se receberia as importancias das quotas e cartas a contar do dia 1 de Outubro em diante.
 O nome dos novos socios é o seguinte: Paulo Ferreira, Rodrigo Gonçalves da Silva, filho Rodrigo Gonçalves da Silva, (pai) Alberto Duarte, Antonio dos Santos, Francisco de Almeida Pereira, propostos pelo mesmo socio n.º 2 Sr. Antonio dos Santos. E os socios n.º 1 Sr. Antonio Augusto dos Santos, e o Sr. Francisco J. Mesquita, pelo Sr. Eurico Pereira, outro socio n.º. Foi lida o Ofício n.º 1 da Comissão de Faltas, cuja resposta foi dada verbalmente ao Sr. Francisco Simões Ferreira, membro da mesma comissão. E por mais assuntos não haver a sessão foi encerrada.

Antonio Augusto dos Santos

10/11

Tomaram posse perante mim Presidente da
Assembleia geral e para contar se lavras a
presente acta que vai ser assinada perante
Assembleia geral

1.º Secretário Abel Duarte de Aguiar
2.º Secretário Albino de Aguiar

Presidência Albino de Aguiar
Vice-Presidente Albino de Aguiar
1.º Secretário Abel Duarte de Aguiar
2.º Secretário Albino de Aguiar
Presidente da Assembleia geral
Albino de Aguiar

Acto de Posse

No dia 5 de Março de mil novecentos e quarenta e cinco, compareceram na sede do Ateneu de Coimbra, a fim de tomarem posse para a Secção de Cultura dos cargos para que foram nomeados em reunião de Direcção de vinte e seis de Fevereiro de mil novecentos e quarenta e cinco.

Para contar se lavras a presente acta que perante mim Presidente da Direcção, vai ser assinada pelo presente.

10/11
11/11
12/11

José José Coelho
Paulo Mendes Lima

11/11

Tomaram posse perante mim Presidente da
Assembleia geral e para contar se lavras a
presente acta que vai ser assinada perante
Assembleia geral

1.º Secretário Abel Duarte de Aguiar
2.º Secretário Albino de Aguiar

Presidência Albino de Aguiar
Vice-Presidente Albino de Aguiar
1.º Secretário Abel Duarte de Aguiar
2.º Secretário Albino de Aguiar
Presidente da Assembleia geral
Albino de Aguiar

Acto de Posse

No dia onze de Janeiro de mil novecentos e quarenta e seis compareceram na sede do Ateneu de Coimbra o corpo gerente eleito em Assembleia geral de vinte e seis de Dezembro de mil novecentos e quarenta e cinco, a fim de tomarem posse para a Direcção da Assembleia geral e para contar se lavras a presente acta que vai ser assinada pelo presente.

Assembleia geral
Presidente: Albino de Aguiar
1.º Secretário: Abel Duarte de Aguiar
2.º Secretário: José Pinheiro de Carvalho

Presidência José Pinheiro de Carvalho
Vice-Presidente Albino de Aguiar
1.º Secretário Abel Duarte de Aguiar
2.º " Albino de Aguiar
Terceira Albino de Aguiar
Vozes Albino de Aguiar
Conselho Fiscal

12/11

Tomaram posse perante mim Presidente da
Assembleia geral e para contar se lavras a
presente acta que vai ser assinada perante
Assembleia geral

1.º Secretário Abel Duarte de Aguiar
2.º Secretário Albino de Aguiar

Presidência Albino de Aguiar
Vice-Presidente Albino de Aguiar
1.º Secretário Abel Duarte de Aguiar
2.º Secretário Albino de Aguiar
Presidente da Assembleia geral
Albino de Aguiar

Acto de Posse

No dia doze de Janeiro de mil novecentos e quarenta e seis compareceram na sede do Ateneu de Coimbra a Direcção da Assembleia geral, a fim de tomarem posse para a Direcção da Assembleia geral e para contar se lavras a presente acta que vai ser assinada pelo presente.

Assembleia geral
Presidente Albino de Aguiar
1.º Secretário Abel Duarte de Aguiar
2.º Secretário Albino de Aguiar

Acto de Posse

No dia treze de Janeiro de mil novecentos e quarenta e seis, compareceram na sede do Ateneu de Coimbra, o corpo gerente eleito em Assembleia geral, efectuada no dia vinte de Dezembro de mil novecentos e quarenta e cinco, para o exercício de mil novecentos e quarenta e seis, e para contar se lavras a presente acta, que vai ser por todo assinada.

Assembleia geral
Presidente Albino de Aguiar
1.º Secretário Abel Duarte de Aguiar
2.º Secretário Albino de Aguiar

► Acta de Posse para a Secção de Cultura do Ateneu (5 de Março de 1945).
► Acta de Posse do Conselho Fiscal (11 de Janeiro de 1946).

Coimbra, 30/VII/55

Prezados Amigos:

Recebi o vosso convite para colaborar no vosso Boletim, e não me deixaria ficar-me de lado do meu nome.

Estou, no entanto, muito atarefado, e não posso de forma alguma, como queria, enviar qualquer original até 10 de Agosto, como desejais.

Quando virá o Boletim?

Se puderem esperar até meados de Setembro, não é tarde.

Saudações cordiais de

João José Cochofel

Saúde da Serra, 16/IX/55

Prezados Amigos:

Aqui vos envio o prometido artigo para o vosso Boletim comemorativo do 15º aniversário do Ateneu.

Com os meus cumprimentos, vejam-me sempre sempre dedicados

João José Cochofel

► Carta de João José Cochofel ao Ateneu (30 de Julho de 1955).

► Carta de João José Cochofel ao Ateneu, onde dá conta do seu artigo para o Boletim do Ateneu, por ocasião do 15º aniversário (16 de Setembro de 1955).

1
Soci

BREVES CONSIDERAÇÕES SOBRE A CULTURA POPULAR

32

J. J.

Que deve entender-se por "cultura popular" ?

Cumpr-me confessar desde já que tal expressão, pelos equívocos a que se presta, não é muito da minha predilecção. "Cultura popular" porquê ? Por se dirigir expressamente ao povo ? Por ser a que especialmente lhe convém ? Mas a palavra "povo" traz-me nova perplexidade: poder-se-á tomá-la aqui na mesma acepção em que se diz "o povo de um país", "o povo de uma cidade" ? Nesse caso a expressão "cultura popular" quereria significar apenas a cultura do cidadão genericamente considerado, dispensando-se portanto o adjectivo "popular", cuja função parece ser pelo contrário a de restringir a determinado sector populacional o âmbito de uma certa cultura, praticando-se, deste modo e do mesmo passo, uma distinção espectral que simultaneamente abrange a cultura e o seu suporte social. Quer dizer: a determinada camada social far-se-ia corresponder determinado tipo de cultura. Como "cultura popular" compreender-se-ia pois a cultura que convém ao povo, considerando este como o sector inferior da população, cuja condição o impediria de ascender aos benefícios de uma outra forma de cultura, mais elevada e mais evoluída, e que com aquela se deverá contentar. Ora afigura-se-me isto diminuir a cultura e menosprezar o povo.

Nada mais falso nem mais perigoso, com efeito, do que admitir vários tipos de cultura. Na variedade dos seus múltiplos aspectos, históricos, sociais ou ideológicos, tantas vezes contraditórios quando não até antagónicos, a verdadeira cultura apresenta-se todavia una através dos séculos, das civilizações, das sociedades e das classes, enriquecendo progressivamente o género humano que para ela contribuiu em globo e em globo dela deve beneficiar.

Que realmente tem existido até ao presente um vasto sector populacional involuntariamente divorciado da cultura é um facto inegável. Mas

torna-se ofensivo para a cultura e para esse mesmo sector, que no seu conjunto designamos por "povo" mau grado a sua diversidade de inserção social, criar-lhe à laia de compensação uma sub-cultura a ele expressamente destinada. O que há a fazer é estimular o acesso dessa camada populacional à cultura pura e simples, sem rótulos desfiguradores.

Nesta urgente quão grandiosa tarefa têm importantíssimo papel a desempenhar as agremiações como o Ateneu de Coimbra, lutando contra o analfabetismo, instituindo cursos livres de diversas matérias, organizando bibliotecas, criando coros e grupos cénicos entre os associados, promovendo palestras, e audições fonográficas, concertos, leituras comentadas e recitais de poesia, realizando exposições que as modernas técnicas de reprodução iconográfica vieram facilitar.

Trata-se de empreendimentos que não exigem grandes despesas, incompatíveis com o orçamento geralmente reduzido das agremiações em causa. O essencial é procurar atrair gradualmente a massa associativa a semelhantes iniciativas, contrariando ~~esta~~ a sedutora porque fácil miragem de uma "cultura popular" que mais não é afinal do que um disfarce mistificador da arte e da cultura autênticas, rebaixadas no intuito de proporcionarem uma acessibilidade enganadora. Toda a arte, toda a cultura, não o esqueçamos, requer esforço de quem a aborda. E fazer obra de cultura popular consiste não em evitar esse esforço, mas sim em criar as condições necessárias para que tal esforço frutifique na aquisição de conhecimentos, no exercitar da inteligência, no apuramento da sensibilidade, na formação do carácter. Só assim a expressão "cultura popular" ganhará um significado dignificante: o de acesso do povo à cultura, à verdadeira cultura que não admite que a trunquem, que a transaccionem, que a falseiem, que a submetam a interesseiras deformações.

Sócio n.º 8

J.J. Cochofel

Lisboa, 14 de Junho de 1956

Senhor Doutor Paulo Quintela,
meu Ex.mo Amigo:

Quando acedi ao seu honroso convite para fazer parte da Comissão de homenagem a Afonso Duarte, estava persuadido de que a constituísse um grupo dos mais próximos e dedicados amigos e admiradores do Poeta, com os quais eu não poderia forçosamente deixar de ser solidário.

Verifico agora, pela 2ª via da circular, que a referida Comissão inclui nomes aos quais me não ligam as mínimas afinidades culturais ou ideológicas, e entre os quais eu me sentiria bem pouco à vontade.

É este o motivo que me leva a rogar-lhe que me considere demitido da referida Comissão, sem que tal signifique da minha parte, escusado será dizê-lo, menos admiração e respeito pela figura do Poeta, meu muito querido Amigo, nem menor aplauso ao grupo daqueles sinceros admiradores e amigos para quem o admirável exemplo da sua obra, da sua personalidade e da sua vida constitua o único móbil da homenagem projectada.

Com os melhores cumprimentos, o admirador

João José Cochofel

Afonso Duarte

João José Cochofel integrou inicialmente a Comissão de homenagem ao poeta Afonso Duarte (1884 -1958), em 1956, quando este fez 50 anos de vida literária. Mais tarde, por entender que a justa homenagem ao poeta da Ereira se transformou numa “misturada”, abandonou a Comissão, justificando a sua decisão numa carta afectiva.

No mesmo sentido, Fernando Lopes-Graça, José Gomes Ferreira, João José Cohofel, Carlos de Oliveira, Francine Benoit, Arquimedes da Silva Pereira, José Fernandes Fafe, Mário Dionísio, Joel Serrão, Jorge de Sena e Manuel Mendes escrevem uma carta a Afonso Duarte, a 21 de Junho de 1956, em que lhe explicam por que não estarão presentes na homenagem.



Paris
Lisbon, 15/VI/56

Meu querido Afonso:

Escrevi hoje ^(a) a desligar-me da Comissão que lhe está a preparar a homenagem, a que - principis tas entusiasticamente me associi.

Quisera explicar-lhe de viva voz a razão que a tal me levou. Mas quando aqui estive em Coimbra, por morte do meu filho, mas me foi possível ir vê-lo, comparei fencio
meu.

(a) Datada, no instante, de 14

Mas o meu querido Afonso Duarte
 talvez já tenha admirado esse ^{para} me-
 tivo... Nunca gostei de misturas
 e confusões. E, francamente, não
 era esta o homem que eu pre-
 veria para si.

Aliás, a primeira homenagem está
 já prestada, com o Carlos de Oliveira,
 mas palavras que transportam o seu
 livro. Homem pouco modesto, mas
 sincero, de pouca admiração e de
 pouca amizade indefectíveis. Põe-lhe
 um refém e de que valeça no seu ex-
 pósito! Muito seu João Quel.

LEMBRANÇA DE AFONSO DUARTE

Vagueio pelas calçadas
que conheço pedra a pedra,
e de tudo me contenta
o que o passado não erra.

Até o abraço dos amigos,
com o que tem de já ausente,
por tanta coisa em comum
traz o passado ao presente.

Entro e dou num café
com o Afonso no seu posto:
convívio que não perdeu
nada do antigo gosto.

Alegre de o ver como dantes,
responde-me quando lho digo:
"Mas já não posso com as pernas,
ou elas não podem comigo".

Quero-lhe assim, igual das árvores,
de lenho seco e folha verde,
que vão dando a sombra e os frutos
que a nossa infância um dia teve.

Anda o passado mais vivo
dentro de mim que o presente.
E é tudo quanto a paisagem
doce e tranquila consente.

João Inácio Coelho

AFONSO DUARTE:

O seu nome representa, para os que assinam esta carta, uma das presenças mais vivas e mais estimuladoras da poesia portuguesa deste século — e que o transcende mesmo para se integrar na grande e autêntica tradição daqueles dos nossos maiores que souberam fazer da língua portuguesa um instrumento admirável de expressão, a um tempo simples e profunda, do génio do nosso povo.

A sua Obra, para honra da nossa verdadeira cultura agora compendiada num livro que permanecerá um dos mais significativos momentos do nosso lirismo tradicional e um forte testemunho de um Artista que não recusou o seu tempo, tem por isso mesmo para nós o preço de um acto de heroísmo e o valor de uma arte poética exemplar.

É este nome e esta obra que, alheios a quaisquer intenções que não sejam as de lhes prestar a honra que merecem pelo que numa e noutra há de puro e de insubmisso, de "agreste espírito de luta", nós vimos, por esta tão singela forma, saudar comovidamente.

Lisboa, 21 de Junho de 1956.

Fernando Lopes Graça
 José Gomes Ferreira
 João José Cohofel
 Carlos de Oliveira

para

Francine Benoit
 Arquimedes da Silva Santos
 José Fernandes Fafe
 Mário Dionísio
 Joel Serrão
 Jorge de Sena
 Manuel Mendes

► Carta colectiva assinada por:

Fernando Lopes-Graça, José Gomes Ferreira, João José Cohofel, Carlos de Oliveira, Francine Benoit, Arquimedes da Silva Santos, José Fernandes Fafe, Mário Dionísio, Joel Serrão, Jorge de Sena e Manuel Mendes.

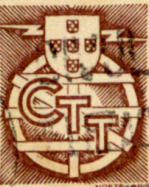
“A poesia de João Cochofel não é, de modo algum, aquela que traz os estigmas mais visíveis, a cor indelével do “Neo-Realismo”, nem aquela em que uma relativa fantasia ou imaginação se dão a mais rica festa poética ou ideológica”

“João José Cochofel ou a Poesia da Imanência”, *Obras Completas de Eduardo Lourenço II*, 2014.

Eduardo Lourenço

Não é possível ler a poesia de João José Cochofel sem o olhar do ensaísta Eduardo Lourenço, no estudo “João José Cochofel ou a Poesia da Imanência”, (Obras Completas II, 2014, edição da Fundação Caloust Gulbenkian) numa exaustiva viagem pela sua obra. Conhecedor como poucos, Eduardo Lourenço escreve que a poesia de Cochofel “é aquela que mais se aproxima (com Mário Dionísio) de uma má consciência salutar no interior da global boa consciência característica do “Neorrealismo” português.” Amigo e admirador do poeta de *Instantes*, traça as linhas que hão-de desconstruir a arrumação de muitos dos poemas excluídos ao longo de diferentes edições. “Poucos poemas como este (Transmutação) resumem tão bem o que foi a mitologia neo-realista num dado momento histórico. Poesia como protesto, esperança suspensa, amor como refúgio e futuro arco de aliança, tudo aqui está”.





BILHETE POSTAL



De Eduardo Lourenço
 Avenida da República
 Coimbra

Dr. João José Cochofel
 Figueira da Foz

Rua de Buenos 24
 Figueira da Foz

REMETENTE

ENDEREÇO

► Bilhete Postal de Eduardo Lourenço a João José Cochofel, (1 de Agosto de 1946), emitido na Figueira da Foz.

Que tal
o n.º das
capas
lêxicas?

Côimbra 1 de Ag. de 76

Great John



Como vão esses ossos sob este
Sol de agosto pouco poético e
asfixiante? Agradece aos deuses
o bom "sol de agosto" dos seus
jornais 20 e poucos anos que
davam vontade de fazer bons ver-
sos (sem favor de crítico amigo).

Como prometi, embora tarde e a mãos
brotando, mando-te as notas que são
passáveis: P. Ex - 12; Civ: 11.

Calcula que o C. de O. (não confun-
das com o Carlino dandy) espe-
rou 2 chumbos.

Oxalá escapes desta morte lenta
pelo calor. A esta hora (7 da tarde)
estou à espera duma trovada salvadora
Abraça-te Eduardo

Penosle, 18 de Outubro 60

Meu caro João: E 23/1667



Prometido é devido. Mi vão essas folhas com destino à pageta e lá tive-rem um lugar ao sol. Não é exactamente o que eu desejaria para as colaborações, mas não quero deixar passar mais tempo sem dar sinal de vida. Uma recente revista de Prado e o acaso de Centenários sugeram-me a "Gazeta Musical". Infelizmente, como verás, eu interrompo-a limitando-me a deixá-la em suspenso quando a coisa começava a ser devesa interessante. Mas a questão de Realizar em pintura (e no verso) ficará para outra vez. E há é devesas que de qualquer modo ficam sempre para outra vez.

Desculpa mandar tudo escrito à mão mas a mecânica não é o meu forte. Ainda não me decidi a comprar máquina e a Faculdade de Torre de Vasco não vem que tenha para servir

privado.

Como vés mudei de terra e de Faculdade.
Deutos de dias inicio aqui o português, com
promissão e tudo. É o "meu despiñtismo"
que nos resta. Ou que me resta, pois vocês
ai sempre têm o Chiad, com os diabos. As
"aventuras interiores, não são a melhor?"

A biblioteca d'aqui é paupérrima. Se tu
e os teus amigos têm alguma interesse de
vir florir estas solidões alpinas com o
maior prazer vos acolherei em bom lugar. Se
me pudesse enviar a pageta seria ao melhor
serviço. Aqui não me cefam senão eos e
um quingenta "Comerciais" com as barbaridades
de Pacheco de Amorim. A direcção será:

Section Luso-Hispanique
Faculté des Lettres de
Grenoble
Place ~~de Verdun~~ de Verdun
Grenoble (Isère)
F.

E com o papel se me acaba esta breve prosa.
Lembrança para os amigos que de mim se lembrarem
Abraço amigo de Elmeu



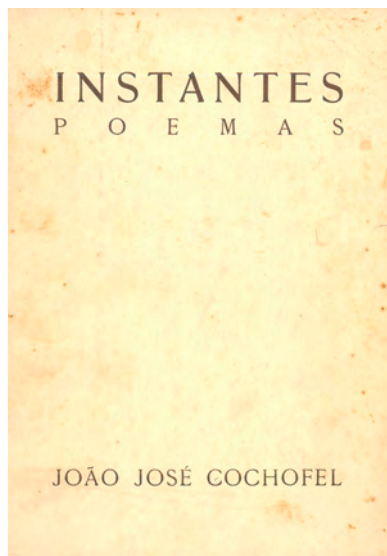
“O concreto, o real, coisas que me comovem
É sobre os sentidos que vivo debruçado”

in *Sol de Agosto*, 1941.



Livros de Cochofel

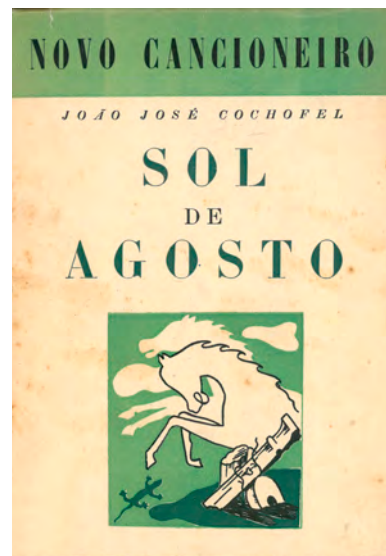
João José Cochofel publicou o seu primeiro livro de poemas, *Instantes* (1937), com dezoito anos. Seguiram-se *Búzio* (1940), *Sol de Agosto* (1941), *Descobertas* (1945), *Os Dias Íntimos* (1950), *Iniciação Estética* (1958), *Quatro Andamentos* (1966), *46º Aniversário* (1966), *Uma Rosa no Tempo* (1970), *Bispo de Pedra* (1975). Postumamente foram publicados: *Críticas e Crónicas* (1982), *Obra Poética* (1970), *Opiniões Com Data* (1990), *Iniciação Estética seguido de Críticas e Crónicas* (1997) e *Breve* (2010).



▶ 1937



▶ 1940



▶ 1941



▶ 1945



▶ 1950



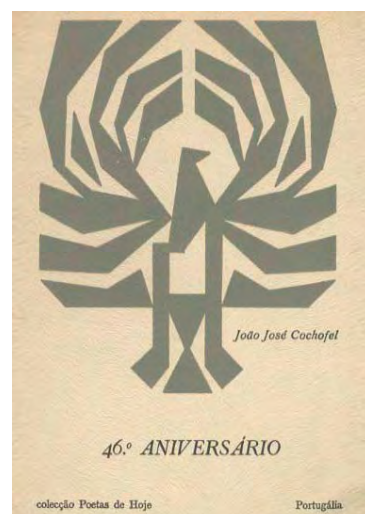
▶ 1959



▶ 1958



▶ 1966



▶ 1966



► 1970



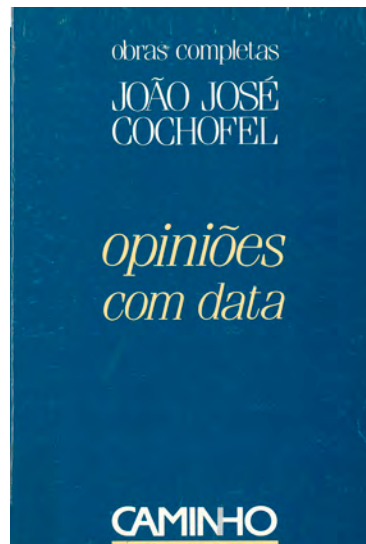
► 1975



► 1982



► 1988



► 1990



► 1997

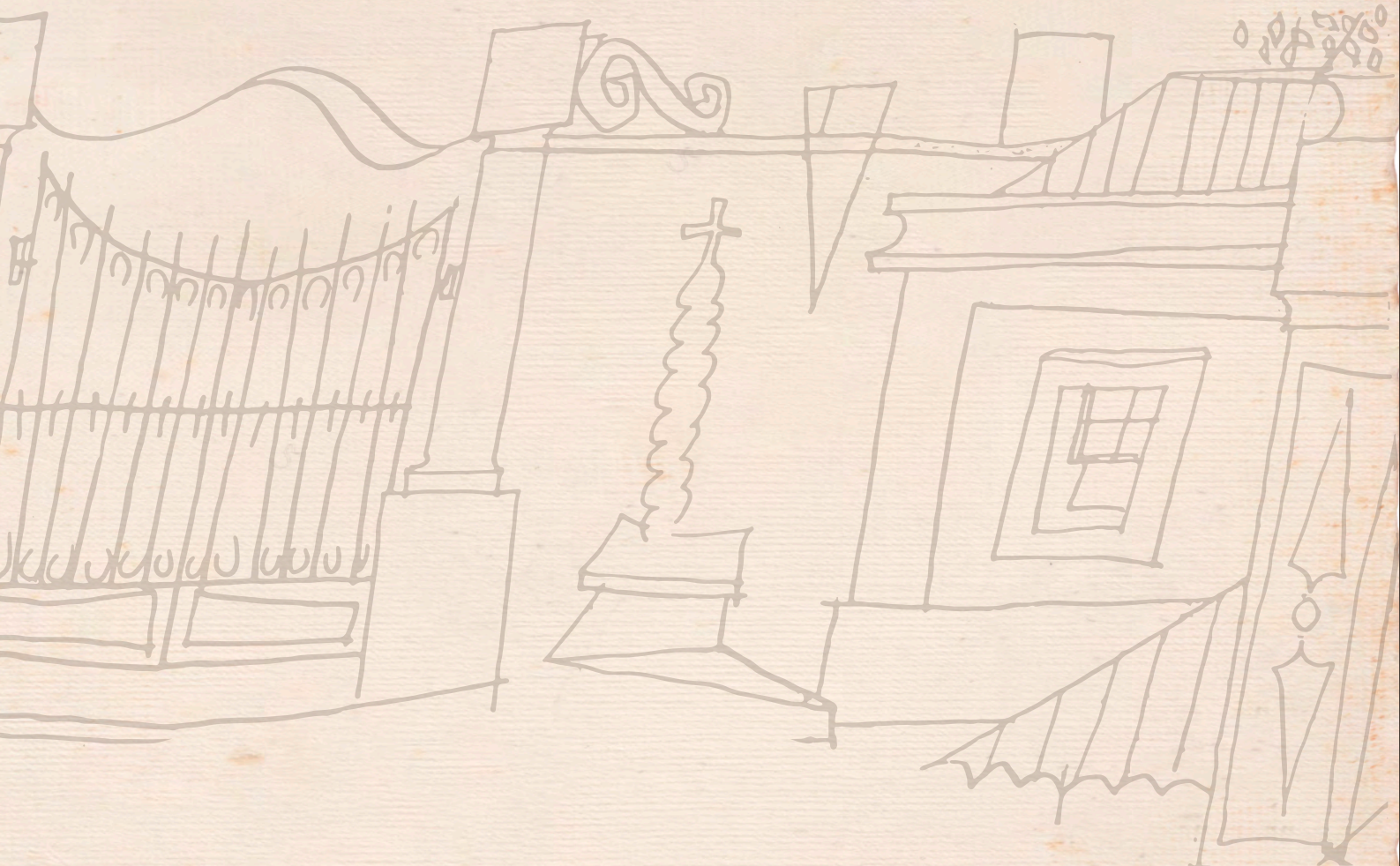


► 2010

“Outros serão
os poetas da força e da ousadia.
Para mim
- ficará a delicadeza dos instantes que fogem
a inutilidade das lágrimas que rolam
a alegria sem motivo duma manhã de sol
o encantamento das tardes mornas
a calma dos beijos longos.”
(...)

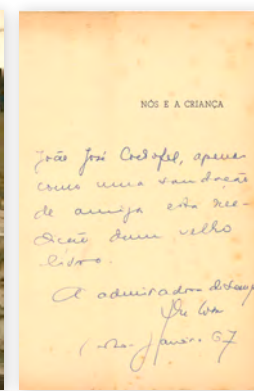
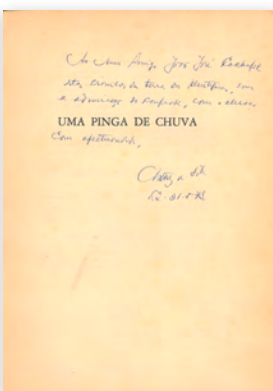
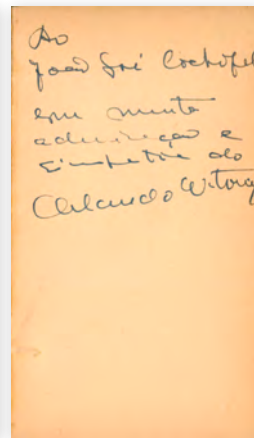
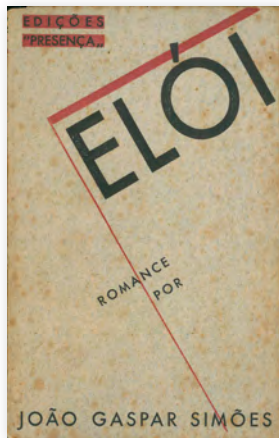
Pórtico, “Poesias Excluídas”, II, *Instantes*

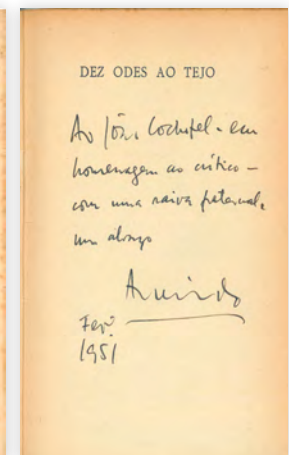
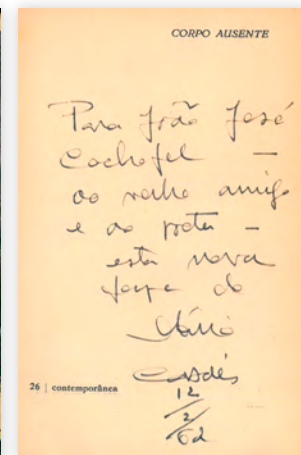
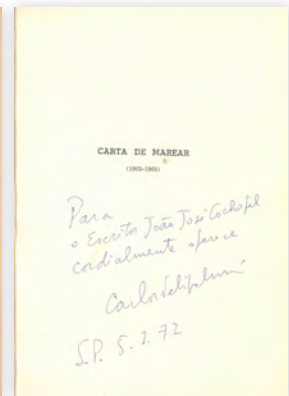
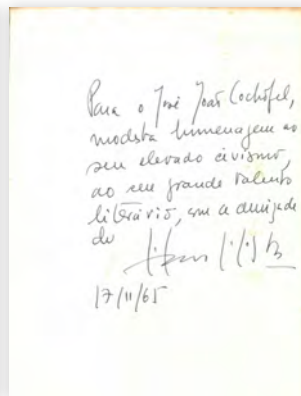
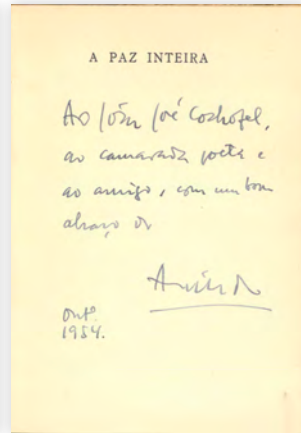
Av João e a Dolly,
velhos e queridos
Amigos,
com um grande
abraço do
celso



Autógrafos de Amigos

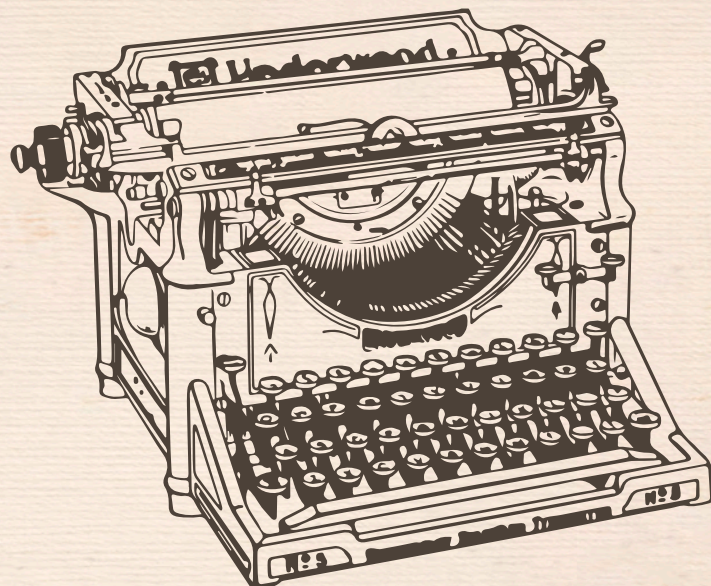
João José Cochofel foi uma referência moral e intelectual da geração comprometida que ultrapassou as margens do Neorrealismo. Foi um homem fraterno e solidário que partilhou com muitos dos seus camaradas de letras as inquietações pessoais e colectivas. Os livros oferecidos pelos amigos demonstram, através dos autógrafos, a muita estima e admiração.





“O seu empenhamento nas lutas do povo português pela liberdade está inscrito nas marchas, danças e canções musicadas por Lopes-Graça e publicadas em 1943, cantadas depois do 25 de Abril.”

Jornal Diário de Coimbra, Joaquim Namorado, 16 de Março de 1982



Os jornais disseram

A imprensa escrita foi unânime em reconhecer que a morte de João José Cochofel (14 de Março de 1982) foi uma grande perda para a Cultura e para as Artes.

Com a sua morte desapareceu uma das figuras mais notáveis do Novo Cancioneiro.



REGIONALIZAÇÃO NÃO PODE PARAR MEMBROS DO GOVERNO PREPARAM REUNIÕES DE AGROPAMENTOS

Os membros do Conselho do Grupo de Trabalho para a Regionalização... prepararam reuniões de agropamentos...

APESAR DOS APELOS WALESA CONTINUA

Walesa continua a fazer o seu trabalho de educadora... apesar dos apelos...

A 'MARCHA' DOS TERNARADOS

CASSIANO GOUVEIA NO AÇUDEA

BRASFEMES NO... BRASFEMES

PARA O EGÍPTO PRODUTOS PORTUGUESES

JÁ PODEM SER EXPORTADOS

LEIA NA PÁGINA DO SUPLEMENTO

ABORTO TERAPÊUTICO É DESPENALIZADO NO ANTEPROJETO DO NOVO CÓDIGO PENAL

LEIA NA PÁGINA 12

Os filhos mortos com o aborto... são considerados mortos desde o momento da concepção...

OLHALÁ, A TELENOVELA PORTUGUESA

A telenovela portuguesa 'Olhalá'... vai ser transmitida...



LEIA NA PÁGINA 12

Criador do neo-realismo João Cochofel é sepultado hoje

O funeral do poeta e musicólogo João José Cochofel, de 63 anos, falecido no domingo em Lisboa, realiza-se hoje para Coimbra. João Cochofel foi um dos fundadores do 'Novo Cancioneiro', colectânea de poesia que revelou, entre outros, o escritor Carlos Oliveira, falecido no ano passado, Fernando Namora, Mário Dionísio, Joaquim Namorado, Políbio Gomes dos Santos, Álvaro Tri-

jó, Sidónio Muralha, Manuel da Fonseca e outros intelectuais com uma estética ligada ao marxismo (ou muito próxima) e às suas lições sobre a posição do escritor perante a sociedade. Grande amigo de Afonso Duarte, colaborou na edição das suas obras completas, tendo escrito, com Carlos Oliveira, um prefácio, que ainda hoje é exemplar, sobre o poeta da Ereira.

Licenciado em Histórico-Filosóficas, Cochofel dedicou-se também à divulgação musical, sendo repetidamente dirigente da Academia dos Amadores de Música. «A Iniciação Estética» é uma das suas obras mais representativas, desde que praticamente abandonou a poesia para se dedicar ao ensino e à divulgação estética.

Enquanto residiu em Coimbra foi secretário de Redacção da revista «Vértice», tendo participado no grupo que a renovou, em 1945. Foi ainda redactor principal da revista «Gazeta musical e todas as artes».

Josquim Namorado, que durante anos contactou de perto com o poeta, considerou-o «um dos renovadores da poesia portuguesa contempor-

nea e um dos criadores do neo-realismo».

Segundo Joaquim Namorado, Cochofel transmitiu ao neo-realismo «os valores da poesia tradicional e do modernismo».

«O seu empenhamento nas lutas do povo português pela liberdade e pela democracia — continua Namorado — está inscrito nas marchas, danças e canções musicadas por Lopes Graça e publicadas em 1945, cantadas depois de 25 de Abril».

Josquim Namorado salienta ainda que o desaparecimento de Cochofel será sentido pela Literatura Portuguesa, apesar de o poeta se encontrar doente já há algum tempo.

João José Cochofel foi também director do «Grande Dicionário de Literatura Portuguesa e de Teoria Literária».

FALECEU O POETA JOÃO JOSÉ COCHFEL. -Uma palavra de adeus... Faleceu em Lisboa, com 62 anos de idade. Autor de variada obra poética, João José Cochofel, licenciado em Ciências Histórico-Filosóficas pela Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, também foi um musicólogo de relevo...

DIÁRIO POPULAR 16 MARÇO. NA VILA DE POMBAL 2 GUARDAS DA GNR BALEADOS NA RUA. REJEITADO DESPACHO DO GOVERNO MAQUINISTAS NÃO ACEITAM ARBITRAGEM - E AMEÇAM PROLONGAR A GREVE.

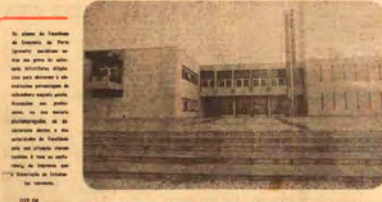
EXCLUSIVO SALLY FIELD AO 'DP'. «NUNCA TINHA SIDO A MÃ DA FITA». URSS CONGELA A INSTALAÇÃO DE MISSEIS NUCLEARES NA EUROPA.

QUEM CONHECE ESTAS CRIANÇAS? Imagem de crianças e texto sobre escolas bilíngues ginasio.

NIKFISK. Imagem de uma criança e texto sobre produtos infantis.

JORNAL DE NOTÍCIAS

Edição: Álvaro Lacerda; Director-geral: Fernando Moraes; Preço: 100\$00; Nº 100; 1982; 10 de Maio de 1982



ECONOMIA DESEJA POUPAR... «CHUMBOS»

BARCO DE PESCA SAÍRAMO NA BARRA DO DOURO

CENSURA BRASILEIRA CASA E DESCASA...

JOÃO JOSÉ COCHFEL VAI HOJE A SEPULTAR

LEI CONTRA O ABORTO MAS SOCIEDADE TOLERANTE

JÁ SE VÊEM PASSAR COMBOIOS... GOVERNO FAZ UM DESPACHO - SINAL VERDE?



«TUDO POR TUDO» - PROMETEM TODOS

TURISTA ESPANHOLA TRAZIA 40 MIL CONTOS DE COCAÍNA

Poeta e musicólogo altamente prestigiado JOÃO JOSÉ COCHFEL VAI HOJE A ENTERRAR

O funeral do poeta e musicólogo João José Cochofel, 63 anos, falecido anteontem, em Lisboa, realiza-se, hoje, para Coimbra. O corpo do escritor...



João José Cochofel informou a família, encontra-se depositado na Igreja de S. João da Deus, na Praça de Londres, em Lisboa, de onde o prestante...

Função partirá às 10 horas para Coimbra. João José Cochofel foi um dos fundadores do «Novo Cancioneiro», colecção de poesia que, entre outros, revelou o escritor Carlos Oliveira, falecido no último ano. Fernando Namora, Joaquim Namorado, Políbio Gomes dos Santos e outros intelectuais, com uma estética ligada (ou muito próxima) ao marxismo e às suas lições sobre a posição do escritor perante a sociedade. Publicou os seus três primeiros livros, obra poética, entre 1937 e 1941 e, posteriormente, numa reedição conjunta intitulada «Descoberta»... Licenciado em Ciências Histórico-Filosóficas, fez-se em Lisboa e dedicou-se essencialmente à divulgação musical, sendo repetidamente dirigente da Academia dos Amadores de Música. A «Inicição estética», 1939, é uma das suas obras mais representativas desde que abandonou, praticamente, a poesia, para se dedicar ao ensino e à divulgação estética. João José Cochofel foi empossado em 1976, no cargo de director-geral do Património Cultural.

NT NOTÍCIAS DA TARDE - a publicidade que prestigia

Bloco-notas
José Carlos de Vasconcelos

Na morte de um poeta
Há pessoas que passam neste mundo de uma forma discreta, silenciosa, quase como se pedissem desculpa de existir. Pessoas que, existindo, valem e fazem muito mais do que aqueles que se mostram em todos os momentos em que a nossa vida política — e não só, reconhece-se — e prossegue. Vem-me isto à ideia ao lembrar João José Cochofel, que a morte levou há dias, com 62 anos, após um longo sofrimento. Cochofel que foi não só um poeta de qualidade, como um realista e crítico (quer literário...

ha sempre revestido aquelas mesmas tonalidades. Logo a abrir o seu primeiro livro, num poema que ainda retratava quando editou o volume «40.º aniversário», Cochofel deturpa-o claro: «Ouvos serás, / os poemas da força e da masculina. / Para mim / — ficará a delicadeza dos instantes que fugem / a insustentável das lágrimas que rolam / a alegria sem motivo duma manhã de sol / a encantamento das tardes mornas / a calma dos beijos longos». E, ao longo de toda a sua obra, que inclui nove títulos de poesia, esta foi uma constante de uma linha muito pessoal, embora com certos resvalões, aqui ou ali, de um Saldy Dias. Constante de toda a sua obra é ainda o muito harmonioso equilíbrio entre uma sólida formação cultural e estética, com um invulgar bom gosto e uma aparente sensibilidade na vida e para o fenómeno artístico, em todas as suas dimensões. Sobre a sensibilidade, porque não tenho nenhum receio de utilizar a palavra e penso que Para lá do que J.J. Cochofel nos deixou, como obra escrita, é de justiça, porém, salientarmos outros aspectos da sua vida — que vão desde o apoio que deu a antifaçanhas em privos ou em dificuldades, até à expectativa simpáztizante que sempre demonstrava face aos escritores mais novos. Se me é permitido um testemunho pessoal, não esqueço que quando o jovem de 19 anos que eu então era publicou, numa terra de província, um livro de estreia — de poemas, claro — quem primeiro se lhe referiu, em termos de uma compreensão que não esqueço...

PANTENE
Para a saúde e beleza dos seus cabelos

o jornal

Que grupos antiterroristas?
tério nta as...

Inquérito
Esquerda democrática poderá unir-se?
O toma lá-dá-cá da revisão constitucional

Reportagem exclusiva
Com os guerrilheiros de El Salvador

Bjorn Borg
A raqueta de fazer dólares

A CAPITAL
 FRANCISCO DE SOUSA TAVARES
 DIRECTOR-GERENTE
 RODOLFO BASTOS
 DIRECTOR-ADJUNTO

Capitulos
 SUPERIORES
 TITULARES
 QUALIDADE
 PRECISAO

TRATAM-SE MAL E COMEM PIOR
PORTUGUESES AFLI
COM DORES DE DEN

NOVA PROPOSTA JA ESTA EM CONSELHO DE MINISTROS

ELEIÇÕES REGIONAIS FRANCESAS
ESQUERDA PERDE PRIMEIRA VOLTA

O LIMITE DA INCO

ANTEPROJECTO DE CODIGO PENAL
DESPENALIZA ABORTO TERAPEUTICO

A PARTIR DE OUTUBRO
POLICIA ANTITERRORISTA ENTRA EM ACCAO

Rojal
 INSTITUTO DE BELEZA
 CENTRO COMERCIAL DA PORTELA
 LUGAR 1390 17 AND - TEL. 202274

FALECEU JOÃO JOSÉ COCHOFEL

Faleceu ontem o escritor João José Cochofel, personalidade de relevo da cultura portuguesa, que contava 62 anos, e já há muito tempo se encontrava doente.

Musicólogo, natural de Coimbra, João José Cochofel licenciou-se em Ciências Histórico-Filosóficas na Faculdade de Letras daquela cidade.

Colaborou em diversos jornais e revistas e foi um dos organizadores do «Novo Cancioneiro».

Obteve o Prémio António Nobre nos Jogos Florais Universitários.

Publicou entre outras obras, «Instantes», «Búzio», «Sol de Agosto», «Descoberta», «Iniciação Estética», etc.

Foi dirigente da Academia de Amadores de Música.

O extinto era casado com Maria da Graça Simões Carvalho Dória Cochofel e pai de Maria Eugénia Dória Cochofel Quintela.

A família enlutada «A Capital» apresenta a expressão do seu pesar.

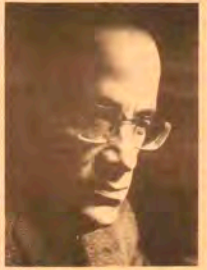
A morte de um poeta

João José Cochofel desaparece aos 61 anos

Morreu ontem em Lisboa, com 61 anos o poeta João José Cochofel, um dos nomes mais representativos da primeira geração neo-realista, que se agrupou (inicialmente) na colecção de poesia «Novo Cancioneiro».

Além de poeta, Cochofel foi ainda ensaísta e crítico — que da literatura, quer de música — de inteligente sensibilidade e mérito unanimemente reconhecido. Foi ainda dos principais animadores da «Gazeta Musical» e de «Todas as Artes». Democrata e antifascista toda a vida, após o 25 de Abril foi director-geral do Património Cultural, lugar que teve de abandonar por força da doença que, após alguns anos de constante agravamento, acabaria por o vencer.

Nascido em Coimbra, de uma família aristocrática, a 17 de Julho de 1919, João José de Melo Cochofel Aires de Campos, estaria desde o início ligado aos jovens intelectuais e escritores de esquerda, inoformistas, que faziam o «Novo Cancioneiro», constituindo a primeira geração neo-realista. E a sua solitária casa de família seria mesmo uma espécie de sede onde muitas vezes se reuniam seus amigos e companheiros de geração, na sua mansão ao tempo estudantes de Coimbra,



J.J. Cochofel: intervenção discreta e tímida insinuava numa poesia em que a simplicidade e a qualidade se harmonizavam.

que o tempo tornaria mais ou menos famosos: Fernando Namora, Carlos de Oliveira, Joaquim Namorado, Álvaro Fajó, Filipe Gomes dos Santos, A. Ramos de Almeida, Arquimedes Silva Santos, etc. A que se juntariam outros companheiros de Lisboa, entre os quais se destacavam os nomes de Mário Dionísio, Manuel da Fonseca e Sidónio Muralha.

Além, ainda muitos anos mais tarde, a sua casa no Sembrar da Serra seria ponto de encontro e convívio de homens de artes e letras, quer os da sua geração, quer de outros como José Gomes Ferreira, (que aliá estiver intimamente ligado àquela geração neo-realista), Fernando Lopes Graça ou Francisco Keil do Amaral. E foi ali que «nasceram» e foram compostas as célebres «Marchas, Danças e Canções» (hoje mais conhecidas por «Hericas»), e de que ele foi autor de dois poemas.

Depois de se licenciar em Ciências e Histórico-Filosóficas, em Coimbra, João José Cochofel viria para Lisboa, mantendo uma colaboração constante em diversos jornais e revistas. Foi director da Academia dos Amadores da Música de Lisboa (AM), em 1959, a ditadura ter recusado, por razões políticas, a homologação do seu nome) e da Sociedade

Portuguesa de Escritores, a cuja direcção pertencia no ano em que a Pide a encerrar.

Além de autor de diversos ensaios, prefácios, traduções, etc., João José Cochofel publicou um livro que atesta todas as suas qualidades na compreensão e «reflexão» dos fenómenos artísticos e literários — «Iniciação Estética». Dirigiu ainda o grande Dicionário de Literatura Portuguesa e Teoria Literária, que ficou incompleto. A sua bibliografia poética, além de colaboração em diversas antologias, compreende os seguintes títulos: «Instantes» (1937), «Búzio» (40), «Sol de Agosto» (41); «Descoberta» (45); «Os dias tímidos» (50); «Quatro andamentos» (60); «40» antologias (60); «Uma coisa no tempo» (70) e «O bicho de pedras» (75).

João José Cochofel — sobre quem o «JL» preparava, por estes dias, um trabalho — deixou um livro para publicar — «Opinões com datas» — no qual se recolhem alguns dos seus textos de ensaio e crítica escritos ao longo de mais de vinte anos, respaldados ou comentados pelo autor, algumas vezes com pontos de vista já diferentes.

O funeral do poeta vai às 10 da manhã de hoje, terça-feira, da casa mortuária da Igreja de S. João de Deus para Coimbra.

JL *Journal de letras, artes e ideias*

Junho de 1982 Preço 23000 Quotidiano, 48 páginas, 16x24 cm Director Paul Carter de Vasconcelos



anos: da incultura



Reggiani: «Viver é a minha última vontade»



Abelaira: novo romance no «JL»
 Um artigo de Fernando Namora



António Gedeão: a poesia é uma constante da vida

Diário de Notícias

Ano 118, n.º 4136, sexta-feira

Director MARIO MESQUITA Director-adjunto DINIS DE ABREU



19 de Março de 1982

Nova interpelação em São Bento

Parlamento debate política do Governo

• Pinto Balsemão fala hoje no Instituto de Altos Estudos Militares

Em sessão plenária, o Parlamento debateu hoje a política do Governo. O primeiro-ministro, Mário Soares, fez uma declaração de política geral, seguida pelo ministro da Defesa, António de Almeida Santos, e pelo ministro da Economia, Carlos Resende. O debate foi presidido pelo deputado António Pinto Balsemão, que fez uma interpelação ao Governo sobre a situação da economia e a política de austeridade.



Grupos dos comunistas (que já votaram) em favor de abstração. Muitos abraços em algumas linhas de caminho-de-ferro, a par de algumas linhas de EP, em particular, nos pontos de partida e de chegada, e nos pontos de encontro. Muitos abraços em algumas linhas de caminho-de-ferro, a par de algumas linhas de EP, em particular, nos pontos de partida e de chegada, e nos pontos de encontro.

Eanes visita Covilhã

O presidente da República, Francisco de Sá Carneiro, visitou hoje a cidade de Covilhã. Acompanhado pelo primeiro-ministro, Mário Soares, e pelo ministro da Defesa, António de Almeida Santos, o presidente fez uma visita de trabalho à cidade, onde se realizou uma reunião com os membros do Conselho Municipal e com os membros do Conselho de Regência da Universidade de Covilhã.

Mubarak adia visita a Israel para não ir a Jerusalém

• A decisão não deve afectar o processo de paz

O presidente da República Árabe Egípcia, Anwar el-Sadat, decidiu hoje adiar a sua visita a Israel, para não ir a Jerusalém. A decisão foi anunciada por um porta-voz do presidente egípcio, que afirmou que a visita a Israel não afectará o processo de paz entre os dois países.

Taca de Portugal

Braga recebe Benfica

O Sporting Clube de Portugal venceu hoje o Sporting Clube de Braga por 2-0, no Estádio Municipal de Braga. O jogo foi disputado no âmbito da Taça de Portugal e contou com a presença de milhares de espectadores.



Visagem das liberais nas eleições na Colômbia. O primeiro-ministro, Fernando Botín, fez uma declaração de política geral, seguida pelo ministro da Defesa, António de Almeida Santos, e pelo ministro da Economia, Carlos Resende.

As inundações nos últimos 70 anos

Inundações nos Estados Unidos desalojam milhares de pessoas

As inundações nos Estados Unidos desalojaram milhares de pessoas. Segundo o Serviço Nacional de Inundações, mais de 100 mil pessoas foram deslocadas das suas casas devido às fortes chuvas e inundações que afetaram várias regiões do país.

No valor de 40 mil contos

Cocaina apreendida na mala de turista

Uma mala contendo uma quantidade significativa de cocaína foi apreendida na mala de um turista. A droga foi encontrada durante uma inspeção de rotina na fronteira e o turista foi detido e acusado de tráfico de drogas.

Três sorteios ao seu alcance no grande concurso do "DN"

• Estamos já a publicar os boletins de inscrição para outra iniciativa - a Corrida de Primavera

Este concurso oferece três sorteios ao seu alcance. O primeiro sorteio é realizado a cada semana, o segundo a cada mês e o terceiro a cada trimestre. Os prémios são variados e incluem viagens, dinheiro e outros bens de valor.

acerte no MUNDIAL

16

Informações sobre o concurso na pag. 11

HOJE NO "DN"
Pálacio

AMANHÃ NO "DN"
Internacional

Aborto

Suplemento - revista a cores no "DN"

PALAVRAS DE ONTEM

PREFIRA OS DC 10 VIA

VIA LINHA AEREA DE VENEZUELA

VOOS DIRECTOS PARA VENEZUELA E AMERICA DO SUL

TAJAN CORREA S.A. SUCURSAL DE LISBOA

Faleceu João José Cochofel

Com 63 anos faleceu ontem, em Lisboa, o escritor João José Cochofel, natural de S.ª Nova, Coimbra, casado com a sr.ª D. Maria da Graça Simões Carvalho Dória Cochofel e pai da sr.ª D. Maria Eugénia Dória Cochofel Quintela.

João José de Melo Cochofel Aires de Campos foi um dos fundadores do «Novo Cancioneiro», colectanea de poesia que revelou escritores como Carlos Oliveira, Fernando Namora, Joaquim Namorado, Políbio Gomes e muitos outros intelectuais.

Licenciado em Histórico-Filosóficas, fixou-se em Lisboa, tendo-se dedicado à divulgação musical e sido dirigente da Academia dos Amadores de Musica, durante largos anos. A «Iniciação Estética» constitui uma das suas obras mais representativas, desde que abandonou a poesia para se dedicar ao ensaio e à divulgação estética.

O funeral, a cargo da Agência Salgado, realiza-se hoje, às 9.30, da Igreja de São João de Deus para o cemitério da Conchada, em Coimbra.

“Os cedros que a sombra
a subir do vale principia a invadir
plantou-os minha mãe e não
chegou a vê-los crescer”

Da crónica “A Serra”, 1970.



Casa do Pinhal

Foi na Casa do Pinhal ou no Senhor da Serra, adquirida por sua mãe, a 31 de Outubro de 1932, que José Gomes Ferreira decidiu publicar a sua “Poesia I”, começando aí a organizar os poemas, que o próprio Cochofel “ia copiando à máquina com paciência de amigo diligente”, e Fernando Lopes-Graça começou a compor as “Heróicas”.

Foram muitos, os que passaram por lá: Fernando Namora, Fernando Lopes-Graça, Joaquim Namorado, Luís Albuquerque, Maria da Graça Amado da Cunha, Arquimedes da Silva Santos, Mário Dionísio, José Gomes Ferreira, Duarte Pires de Lima, Egídio Namorado, Carlos de Oliveira, Belarmino Barata, Augusto Abelaira, Manuela Porto, Afonso Duarte ou, ainda, Vitorino Nemésio.

Fusca

deste ja era comprada toda a parte, dominio, direito e caso que tem de ser por lei vendida, pliguida, se a comissao de direito. Pela segunda interrogante foi feita a presente com a sua primeira separada. E para darida por este com: tanto foi paga, me dia touca de comissao mais, na transmissao de comissao de offirma da de novo, pelo conhecimento sumario com a quantia e rete. Este conhecimento e a quella entidade ja era adquirida nos termos de documentos supramente a este livro, para a offerta de novo, assim e de novo, com a garam e de novo assim como no testimonio de Louz Sabarhin Rodrigues felix casado, proprietario, morador no lugar da Ladeira, freguesia de Parafuzos, e Jonhã de offatos, viuvez, morador no lugar de Parafuzos, e de novo a parte de novo de vida em voz alta, por meio de Juiz, no estado de novo, na presenca de duas testemunhas e das testemunhas, e de novo pela primeira vez de novo a parte de novo e de novo, incluindo a de novo, que sera pago por meio de guia. Entende-se a parte e outras.

Luiz de Jesus Barbosa

Maria do Encarnação Barbosa
 Maria Albino de Melo, Cônego Pacheco
 Sebastião Rodrigues Pedreira
 José Vidulo de Alencar
 Matias Augusto da Silva, inscripção de

Verbete n.º 33, Livro I, Cartório n.º 6

Conta:

Por 1.º	20.00
Por 2.º	25.00
Por 3.º	6.00
	56.00
Por 4.º	1.50
Por 5.º	51.90
	109.40

Conto e de novo, seja e de novo com a quantia entera.

RECIBIDO DO D.º de novo n.º 760

[Signature]

“(...) desde os tempos em que, na casa aqui a dois passos, Carlos de Oliveira dava os últimos retoques a *Mãe Pobre*, José Gomes Ferreira esboçava a *Província* (tudo isso conta ele num livro fascinante de intiligência nua e sensibilidade disfarçada: *A Memória das Palavras*) e Lopes-Graça nos contagiava a todos do entusiasmo com que se empinhava em converter os nossos versos em “marchas, danças e canções, próprias para grupos vocais ou instrumentais populares”. Uma sementeira perdida como tantas outras.”



Com as netas Sofia e Leonor, na Casa do Pinhal.

FICHA TÉCNICA

Propriedade, Edição e Organização

Câmara Municipal de Coimbra

Textos

António Pedro Pita

António Luís Corvelo de Sousa

António Vilhena

Carina Gomes

José Carlos Seabra Pereira

José Manuel Mendes

Luís Cardoso de Oliveira

Manuel Machado

Cedência de Imagens

Ana Xavier (Colégio Progresso)

Ateneu de Coimbra

Biblioteca Nacional de Portugal

Câmara Municipal de Montemor-o-Velho – Biblioteca

Diário de Coimbra

Escola Secundária José Falcão

Sofia Cochofel

Universidade de Coimbra– Arquivo

Capa

João José Cochofel com 2 anos (1921)

Paginação, impressão e acabamento

FIG - Indústrias Gráficas, SA

Tiragem

200 exemplares

Depósito Legal

462648/19

Índice

“UMA VIDA PEQUENA PARA QUE É QUE SERVIU?”	
Manuel Machado	5
Presidente da Câmara Municipal de Coimbra	
CASA DA ESCRITA: LUGAR DE MEMÓRIAS E DE TRANSFORMAÇÃO CULTURAL	
Carina Gomes	7
Vereadora da Cultura da Câmara Municipal de Coimbra	
“SAUDADE DO QUE HÁ-DE VIR”	
António Vilhena	9
Curador da Casa da Escrita	
BREVE MEMÓRIA	
António Pedro Pita	13
Professor Catedrático da Universidade de Coimbra	
MEMÓRIA IMPRESSIVA	
José Manuel Mendes	15
Presidente da Associação Portuguesa de Escritores	
COCHOFEL E OS PODERES DA “FURTIVA MELODIA”	
José Carlos Seabra Pereira	17
Professor Catedrático da Universidade de Coimbra	
JOÃO JOSÉ COCHOFEL E LOPES-GRAÇA NAS ENCRUZILHADAS IDEOLÓGICAS DA MODERNIDADE	
António Luís Corvelo de Sousa	19
Músico	
JOÃO JOSÉ COCHOFEL, UM AMIGO	
Luís Cardoso de Oliveira	23
Médico	
CATÁLOGO	
Certidão de nascimento.....	26
Bispo de Pedra	28
Álbum de fotografias	29
Da vida académica	49
Ateneu de Coimbra	59
Afonso Duarte	67
Eduardo Lourenço	73
Livros de Cochofel	79
Autógrafos de amigos	83
Os jornais disseram	87
Casa do Pinhal	93

AGRADECIMENTOS

- À Família Cochofel
- Universidade de Coimbra – Arquivo
Ana Maria Bandeira
Cristina Freitas
- Biblioteca Municipal de Montemor-o-Velho
- Ateneu de Coimbra
Fátima Januário
- Escola Secundária José Falcão, Coimbra
- Santa Casa da Misericórdia de Coimbra
- Museu do Neorrealismo

- Adriano Lourenço
- Ana Xavier
- António Cardo
- Maria Helena Fraga Carneiro
- Maria de Lurdes Branco
- Sílvia Abelaira

ORGANIZAÇÃO



CÂMARA MUNICIPAL
DE
COIMBRA

APOIOS



UNIVERSIDADE DE
COIMBRA



BIBLIOTECA
NACIONAL
DE PORTUGAL



ASSOCIAÇÃO
PORTUGUESA
de ESCRITORES



montemor-o-velho
MUNICÍPIO



neorealismo
MUSEU DO NEORREALISMO



JOSÉ FALCÃO
ESCOLA SECUNDÁRIA



Diário de Coimbra



bonifrates



ATENEU de COIMBRA